

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

WILLIAN MICHEL SCHNEIDER

IMIGRANTES E SOLDADOS:
Reflexos do serviço voluntário de ítalo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial

São Leopoldo
2020

WILLIAN MICHEL SCHNEIDER

**IMIGRANTES E SOLDADOS:
Reflexos do serviço voluntário de ítalo-brasileiros na Primeira Guerra Mundial**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
História, pelo Curso de História da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maíra Ines Vendrame

São Leopoldo
2020

“As armas enferrujarão, a grama crescerá, não sobrá nada mais do que conhecemos. A terra irá se regenerar, como sempre acontece com todas as coisas. Nós já não existiremos mais, mas talvez, não sejamos esquecidos. Se a história recordar apenas de um a cada mil de nós o futuro será repleto de histórias sobre quem fomos e o que fizemos. Como vivemos, como lutamos e como morremos. Quando tudo isso acabar e a guerra for vencida eles se lembrarão de nós.”

Homenagem aos combatentes da Primeira Guerra do jogo *Battlefield 1*.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho ao meu pai **Aclécio Jorge Schneider** e à minha mãe **Márcia Rejane Schneider** que tornaram o sonho de me formar na universidade algo possível e viável. Sem vocês isso não aconteceria! Também à minha esposa **Angélica Beatriz da Silva** que me apoiou, questionou e releu pacientemente centenas de vezes tudo o que eu escrevia me dando seus pareceres.

À minha orientadora e professora **Maíra Ines Vendrame** que me guiou até a conclusão deste trabalho, corrigindo e me dando sua atenção quando necessário.

Aos meus amigos e irmãos, **André e Roberto**; ao pessoal do Grupo de Artiscênico Penscena (**Everaldo, Cleusa, Amanda, Brenda, Jonatan, Italo, Bruno e Luciano**) que, ao longo desses anos, deu suporte para minha formação.

Aos meus colegas da Unisinos (**Estefano, Bruna, Giovana, Diémerson, Luana, Graziela, Juliana, Luana, Márcio, Raquel, Nicole, Róger** e outros); aos professores que compartilharam seu tempo e conhecimento durante os anos de graduação. Muito obrigado!

À **Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)** que se tornou um porto seguro e justo no decorrer desta ótima formação em minha vida.

*Que a esperança no amor entre os
homens superiores possa, então,
realizar o milagre da paz.*

Olyntho SanMartin (1957, p. 23)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um grupo de imigrantes italianos e seus descendentes que participaram da “Grande Guerra”, ocorrida entre 1914 e 1918. Respondendo ao chamado às armas do Reino da Itália, muitos de seus súditos do além-mar se apresentaram como voluntários para lutar no *front* pela pátria mãe. Para compreender as experiências destes combatentes ítalo-brasileiros e suas motivações para participar da guerra na Itália, utilizamos como fontes reportagens de jornais, cartas e um livro comemorativo. Buscamos entender os motivos pelos quais se formaram grupos de voluntários neste lado do Atlântico, jovens que partiram para a Europa sabendo que poderiam não retornar dos campos de batalhas. Patriotismo, militarismo, nacionalismo, visões românticas da guerra é o que parecia fomentar as ideias destes homens que aceitaram atravessar o oceano para defender a Itália. Onde lutaram e como foi sua participação na guerra na Europa são perguntas que pretendemos responder com este trabalho.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial. Imigração Italiana. Rio Grande do Sul. Itália. Ítalo-brasileiros.

ABSTRACT

The present work aims to present a group of Italian immigrants and their descendants who participated in the “Great War”, which occurred between 1914 and 1918. Responding to the call to arms of the Kingdom of Italy, many of their subjects from overseas presented themselves as volunteers to fight on the front for the motherland. To understand the experiences of these Italian-Brazilian fighters and their motivations for participating in the war in Italy, we used newspaper reports, letters and a commemorative book as sources. We seek to understand the reasons why groups of volunteers were formed on this side of the Atlantic, young men who left for Europe knowing that they might not return from the battlefields. Patriotism, militarism, nationalism, romantic views of war is what seemed to foster the ideas of these men who agreed to cross the ocean to defend Italy. Where they fought and how they participated in the war in Europe are questions that we intend to answer with this work.

Keywords: World War I. Italian immigration. Rio Grande do Sul. Italy. Italo-Brazilians.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	7
LISTA DE TABELAS	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
1. INTRODUÇÃO	10
2. ITÁLIA E SEUS ITALIANOS	14
2.1 CRIANDO UM REINO, CONSTRUINDO OS ITALIANOS	14
2.2 IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE	19
2.3 A PRIMEIRA GUERRA E A ITÁLIA	26
3. NÃO EXISTE SOLDADO ANÔNIMO, TODO SOLDADO TEM UM NOME E UMA ORIGEM	32
3.1 INDIVÍDUO ALÉM DA FARDA: VOLUNTÁRIOS ÍTALO-BRASILEIROS NA PRIMEIRA GUERRA.....	33
3.2 RUMO AO FRONT: DO NACIONALISMO AO TREINAMENTO MILITAR.....	37
3.3 VOLUNTÁRIOS ÍTALO-BRASILEIROS NO FRONT: MICROBIOGRAFIA DE ALGUNS MORTOS NA GUERRA.....	43
3.3.1 A guerra dos voluntários de Porto Alegre	46
3.3.2 A guerra dos voluntários de Caxias do Sul.....	51
3.3.3 A guerra do voluntário de Santa Maria	55
3.3.4 A guerra do voluntário de Bento Gonçalves.....	55
3.3.5 A guerra dos voluntários de Garibaldi.....	56
3.3.6 A guerra do voluntário de Silveira Martins	58
3.3.7 A guerra do voluntário de São Leopoldo	59
4. 1915 A 1918	63
4.1 REPERCUSSÕES LOCAIS DE UMA GUERRA DISTANTE	63
4.2 A AJUDA VEM DE LONGE	72
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
FONTES PRIMÁRIAS	79
MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES	81
BIBLIOGRAFIA	82

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Territórios Irredentos	30
FIGURA 2 – Retrato de Deflino de Marco	47
FIGURA 3 – Mapa com marcação da região onde De Marco faleceu	48
FIGURA 4 – Batalha de Caporetto 1917	50
FIGURA 5 – Angelo Bracagioli	52
FIGURA 6 – Mapa da batalha de Vittorio Veneto	52
FIGURA 7 – Retrato Família Zambelli	53
FIGURA 8 – Raffaele Zambelli	54
FIGURA 9 – Luigi Martimbianco	56
FIGURA 10 – Pietro Brunello	57
FIGURA 11 – Retrato de Filippo Benvenuti	59
FIGURA 12 – Recomendação para condecoração de Filippo Benvenuti	60
FIGURA 13 – Monumento a Benvenuti e outros mortos na guerra	61
FIGURA 14 – Propaganda no jornal A Federação	65
FIGURA 15 – Manifesto público de Remulo Truculo	68
FIGURA 16 – Comitê feminino Pró Pátria de Santa Maria (1915)	73
FIGURA 17 – Apelo público da Liga Brasileira pelos Aliados	74
FIGURA 18 – Empréstimo Italiano no Brasil	75

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Lista de soldados ítalo-brasileiros mortos na Primeira Guerra	35
TABELA 2 – Lista de idade dos soldados ítalo-brasileiros mortos na Primeira Guerra	36
TABELA 3 –Voluntários ítalo-brasileiros mortos na Primeira Guerra	44
TABELA 4 – Exportações (Toneladas) do Rio Grande do Sul	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art. – Artilharia

Inf. – Infantaria

MDD IT – Ministero Della Difesa Itália

Rgt. – Regimento

Seç. – Seção

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, busco analisar como o nacionalismo italiano, construído a partir de 1860 com a Unificação Italiana, influenciou diversos jovens descendentes de italianos que viviam no Brasil a ingressarem nas linhas de defesa do exército real italiano na Primeira Guerra (1914 -1918), mesmo que alguns deles nunca tenham estado naquele país.

Por meio de uma lista de voluntários, dados militares, biografias, recortes de jornais e uma revisão bibliográfica, tentarei remontar a história deste grupo e do período que o engloba. Ao fazer isso, pretendo contribuir um pouco sobre a participação ítalo-brasileira na Primeira Guerra.

Como Martin Gilbert comenta na introdução da obra de Max Arthur, *Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial* (2011), “todas as recordações lançam luz sobre um aspecto diferente do conflito. Na maioria das vezes, uma luz que não havia sido acesa antes”. Os homens que irei apresentar neste trabalho faleceram na guerra, então, este é o momento de falar brevemente sobre estes indivíduos, conhecê-los por meio de breves microbiografias, compreendendo como foram suas participações na guerra.

Com um projeto ligado a alguns procedimentos da micro-história¹, tentou-se trazer “protagonistas anônimos” novamente a um papel de destaque, que há muito tempo foram esquecidos ou até mesmo renegados, devido ao processo de nacionalização de nosso país nas décadas posteriores ao conflito. Pois, como Giovanni Levi (2016, p 21) indica, é possível “recuperar a complexidade da análise” e se “observar realmente como se originavam comportamentos, escolhas e solidariedades” por meio da micro-história.

O anonimato destes soldados, apagados da história nacional pelo simples fato de não terem servido à nação de acolhimento, é algo que poderia ser problematizado. Quando exploramos estes acontecimentos, escrevemos novas linhas na história de famílias, grupos étnicos e de nossa própria sociedade. Dedicar tempo a estudar os reflexos e impactos da guerra entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, durante 1915 a 1918, é remontar um período que geralmente passa despercebido do foco historiográfico, uma vez que o esforço de guerra, assim como o serviço militar

¹ Ginzburg (2006 e 1990), Levi (2016) e Vendrame (2007 e 2016).

voluntário e campanhas de doação para o país de afinidade, acabava por vezes sendo ignorado na historiografia nacional.

A guerra não é apenas o estardalhaço das bombas e morteiros, não é apenas a felicidade de alguns pela conquista de um novo território, mesmo que a terra esteja banhada de sangue. [...] Mas a guerra é, também, um misto de emoções, estratégias, personagens, histórias, motivos e contextos que, reunidos, talvez nos deem uma ideia melhor de tudo o que envolve um grande massacre e suas inevitáveis consequências. (FELIPE, 2005, p. 15)

Remontar esse quebra-cabeça pode nos dar a capacidade de entender novos fatos e consequências da guerra em diversos âmbitos, algo que influenciou diretamente nos fatos imediatos a 1918, como a ascensão do fascismo italiano. Isso fica ainda mais evidente quando, na história militar brasileira, ocultou-se muitas vezes a existência deste tipo de soldado, motivo pelo qual se reforça o termo ítalo-brasileiro (brasileiros de descendência italiana) neste trabalho.

Analisar como foi vista a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial em 1915, entender qual foi o caminho percorrido pelos ítalo-brasileiros que serviram no exército italiano durante a guerra, investigar as manifestações e impactos da guerra nas comunidades italianas no Rio Grande do Sul neste período, são algumas das maneiras para tentar entender como estes imigrantes viveram a guerra

Dentre as fontes primárias utilizadas estão o livro do Cinquentenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul², publicado originalmente em 1925 e reimpresso em 2000 para a comemoração dos 125 anos da imigração italiana no estado. Este é o pilar de onde o trabalho de pesquisa parte. Nesta obra, se encontra uma lista com 392 nomes de soldados ítalo-brasileiros (descendentes ou imigrados) que partiram do sul do Brasil para lutar no *Front* italiano. Com esta lista iniciou-se a pesquisa voltada a buscar dados biográficos de quem foram estes homens.

² Originalmente chamado de *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*, o livro de caráter comemorativo deve ser tomado como fonte primária e analisado com cuidado, uma vez que ele parece ter sido confeccionado não para o público brasileiro, mas para um público que quisesse conhecer a história dos italianos e seus descendentes no estado, uma obra feita claramente para um público nacionalista e “verdadeiramente italiano”. Entende-se isso analisando o contexto e características da obra, que conta com a foto do então Rei da Itália (Vittorio Emanuele III) e do Chefe de governo na época (o ditador fascista Benito Mussolini), que enviou como anexo à obra uma declaração de próprio punho.

Devido a empecilhos financeiros, a pesquisa destes dados foi buscada diretamente das redes sociais, em formato digital. E, por meio das redes, encontraram-se outras duas fontes primárias importantes para o trabalho, que foram os bancos de dados do *Ministério da Defesa Italiano*³ e da *Associação Histórica Cimetrincee*⁴ e do grupo *Istoreco*.

Neste ponto, a barreira física novamente apareceu, uma vez que a primeira fonte, o livro *Cinquantenario (2000)*, não continha muitas informações de cada um dos soldados alistados, a não ser de seus falecimentos. Por este motivo, delimitou-se a pesquisa aos soldados ítalo-brasileiros mortos no conflito. Com uma base mais ampla de pesquisa consegui fazer o cruzamento com o banco de dados e relatórios das unidades militares onde estes homens serviram, permitindo alcançar algumas informações a respeito deles.

Com base nestes resultados, iniciei uma pesquisa bibliográfica acerca da amplitude da guerra, características militares e dos países envolvidos, utilizando-me, principalmente, das obras produzidas por Ferguson (1998)⁵, Gilbert (2017), Daróz (2016), Isnenghi (1995) e Stevenson (2016). Contudo, a guerra não é o centro deste trabalho, mas, sim, o contexto que a delimita.

Após adquirir a base histórica da guerra e as informações biográficas de alguns dos soldados listados, parti para uma análise bibliográfica que problematiza os motivos de imigrantes ou seus filhos partirem para o confronto, mesmo após terem conquistado uma nova vida em outro lugar no mundo.

Para isso, iniciou-se uma pesquisa referente a autores que trabalharam com a história da Itália, imigração italiana e assuntos voltados ao nacionalismo italiano. Os principais autores destes temas e que serviram de base para a pesquisa foram: Bertonha (2005 e 2018), Duggan (2016), Vendrame (2007 e 2016) e Trento (1988).

Com este montante de informações, parti para uma busca de novas fontes primárias que remontassem às vidas destes indivíduos na guerra. Infelizmente, no Brasil poucas obras do gênero foram publicadas, além de termos poucos autores já trabalhando o tema. Porém, entre os que embasaram este trabalho e já possuem obras sobre o tema estão: Ruggiero (2015 e 2016) e Franzina (2016). Por meio destes

³ *Ministero della Difesa*

⁴ *Associazione Storica Cimetrincee*

⁵ Niall Ferguson faz jus a ênfase dada para esta obra citada, “uma provocativa análise da primeira guerra mundial”, uma vez que com sua abordagem historiográfica se pode ter um panorama real do que foi este conflito, dando sentido ao título da obra “O Horror da Guerra”.

conheci uma das únicas obras autobiográficas de soldado ítalo-brasileiro sobrevivente do conflito que foi publicada no Brasil: a de Olyntho SanMartin⁶ (1957).

Dividi este trabalho em três capítulos: o primeiro (*Itália e seus italianos*), busco apresentar uma revisão bibliográfica acerca da formação do Reino da Itália, criação dos italianos, da imigração italiana para a América até a entrada da Itália na Primeira Guerra, explorando a construção do sentimento de italianidade e dever com o Estado.

No segundo (*Não existe soldado anônimo, todo soldado tem um nome e uma origem*), analiso o papel de alguns ítalo-brasileiros na Primeira Guerra, trazendo os dados biográficos mapeados em busca de reforçar a ideia de que não existe um soldado que mereça passar despercebido na história. Dos 392 que foram para a Itália e lá morreram, ao menos 14 eu consegui descobrir a origem, especulando sobre seus pensamentos e motivações, mas, infelizmente, muitos acabaram no anonimato conforme as décadas passavam.

No terceiro e último tópico (1915 a 1918), volto o foco do trabalho para o Brasil, utilizando um efeito em cascata, analisando os reflexos da guerra atingindo o país, o estado do Rio Grande do Sul e as comunidades de imigrantes italianos. Com este trabalho busco reacender a discussão referente aos reflexos da Primeira Guerra no Brasil, partindo do serviço voluntário dos soldados ítalo-brasileiros que embarcaram em 1915 para servir e, em alguns casos, morrer na guerra.

⁶ Nascido em Santa Maria em 31 de dezembro de 1896, SanMartin é um dos filhos de imigrantes italianos que partiu para a guerra pelo entusiasmo da juventude, chegando a alterar a sua data de nascimento para poder embarcar e se tornar voluntário na luta contra os austro-húngaros. Publicou suas impressões da guerra na obra intitulada *Escola da Morte*, em 1957. Foi membro da Academia Sul-rio-grandense de letras, e faleceu em 21 de julho de 1973 (FLORES, 1975, p. 19).

2. ITÁLIA E SEUS ITALIANOS

Neste capítulo inicial busco fazer uma revisão bibliográfica acerca dos temas voltados à formação do Reino da Itália, da criação dos italianos, da imigração italiana para a América até a entrada da Itália na Primeira Guerra, com o intuito de inserir e embasar o conteúdo proposto nos dois capítulos seguintes.

No primeiro item (2.1 *Criando um Reino, construindo os italianos*) é feita uma contextualização da formação do reino da Itália e a construção da identidade dos italianos por meio do auxílio de diversos autores como: Bertonha (2005; 2018), Duggan (2016) e Vendrame (2007; 2018). Busco explorar a relação do sentimento de italianidade e o dever para com o Estado. No segundo item deste capítulo (2.2 *Imigração e Identidade*) apresento como essa identidade italiana foi sentida nas colônias de imigrantes no Brasil e no Rio Grande do Sul, sendo este um sentimento que era herdado pelos descendentes que viviam no Rio Grande do Sul e que irão se voluntariar para a guerra nos quatro primeiros meses do conflito, a partir de 1915. Na última parte deste capítulo (2.3 *A Primeira Guerra e a Itália*) analiso como se iniciou a Primeira Guerra e quais foram os movimentos presentes na Itália do início da guerra, ainda no ano de 1914, durante o período de “neutralidade”, até a entrada no conflito em maio.

2.1 CRIANDO UM REINO, CONSTRUINDO OS ITALIANOS

A Primeira Guerra foi um dos grandes acontecimentos que marcaram a história do século XX, principalmente quando falamos dos países beligerantes que participaram de forma ativa do conflito. É impensável não levar em conta o impacto que a Grande Guerra teve sobre as sociedades europeias, destacando outro ponto crucial que foi a nova distribuição político-social que emergiu como resultado daquela. Para muitos historiadores contemporâneos, que dedicaram extensas obras sobre o tema, o primeiro grande conflito mundial plantou de forma direta e indireta a semente para outros três grandes marcos na história da primeira metade do século XX (Revolução Russa em 1917, a Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial 1939/1945)⁷.

⁷ Conforme análises de: Englund (2014); Ferguson (1995); Felipe (2005); Gilbert (2017); Hobsbawm

Desse modo, direcionar estudos para um conflito de tamanha escala, que já produziu uma extensa bibliografia nos mais de cem anos de seu encerramento, é uma experiência bastante desafiadora. Analisar a Grande Guerra para alguém que vive no Brasil é também algo complexo, uma vez que não vivemos no território onde ela ocorreu. É, portanto, necessário começarmos delineando de forma rápida o contexto no qual se desenvolveu a guerra (MONSAGRATI, 2015).

Compreender o cenário mundial, nacional (Brasil – Itália) e regional (Rio Grande do Sul) é fundamental para entender os aspectos que levaram dezenas de homens (italianos ou seus descendentes) a aventurar-se em algo que muitos não retornariam. Italianos que haviam imigrado para a América logo após a formação da Itália, na segunda metade do século XIX, irão retornar como voluntários, filhos da pátria que residiam no além-mar, para lutar na Grande Guerra, assunto esse que analisaremos posteriormente no presente trabalho. Antes disso é necessário entender algumas características da península itálica.

Em suas pesquisas, João Bertonha (2005) e Christopher Duggan (2016) analisam a história da Itália partindo de questões geográficas, afirmando que essa é uma península que divide o mar Mediterrâneo em dois. Este fato geográfico influenciou diretamente os povos que se estabeleceram no mencionado território peninsular. A proximidade com o mar e sua grande cadeia de montanhas determinou a história local, com seu relevo acidentado dificultando contatos mais intensos entre várias regiões da própria península, o que reforçou a formação de culturas locais fortes e de relativa heterogeneidade, reveladas pelas diferentes partes que formariam o Estado italiano. Mas a proximidade com o mar fez com que o país fosse um eterno ponto de cruzamento de povos e culturas.

Ficam bastante evidentes as diferenças e a influência da geografia local nas regiões que compunham a península itálica quando da Unificação, em 1861.⁸ É neste momento que os problemas ligados à construção de uma “sociedade italiana unificada” e a formação do “cidadão italiano” se tornam mais evidentes entre os círculos de intelectuais e políticos dos Reinados de Vitor Emanuel II e seus sucessores Humberto I e Vitor Emanuel III.

(1994); Stevenson (2016); Visentini (2018).

⁸ Roma só seria anexada ao Reino da Itália em 1870. E ainda, somente com o final da Primeira Guerra Mundial é que foi integrada uma região ao norte da Itália, finalizando, portanto, a Unificação.

Tendo uma base de sustentação tão fragilizada, o processo de unificação foi firmado antes da construção do sentimento nacional. Nesse sentido, o Estado italiano surgiu antes dos próprios italianos. Após a unificação territorial, política e administrativa era necessário “criar os italianos”. Para isso, segundo Bertonha (2005 p 57-61), o Estado utilizou-se de três pilares:

1. O exército: neste meio, o Estado buscava transmitir os valores patrióticos e a consciência de nacionalidade para as diversas camadas sociais, tendo sido sancionado o serviço militar obrigatório entre parte das camadas mais jovens;
2. A educação primária: onde era transmitido a todos os homens – pobres ou medianos – os valores dos verdadeiros “italianos”, bem como sua identificação com a história nacional. Nas escolas também se ensinava a “língua nacional”, uma vez que cada região possuía seu dialeto;
3. História nacional: o uso da história neste período era algo decisivo, uma vez que se fazia o uso de uma memória “especial” que valorizasse a existência “eterna da nação”. No caso italiano, o próprio processo de unificação teve de ser reescrito e repensado para atender às novas necessidades do novo Estado.

A tarefa de formar uma “identidade nacional” se tornou muito difícil na Itália, pois a falta de uma substância política anterior à unificação se mostrou muito presente. Nesse sentido, a fragmentação político-social ficava evidente, os propagandistas do novo Estado italiano vasculhavam o passado da Itália e encontravam “confusão e divisão”⁹. A própria identificação nacional dos fundadores do Reino (Mazzini, Garibaldi, Cavour e Vitor Emanuel) era difusa, cada qual defendendo seu próprio interesse.

Assim, a Unificação da Itália, ao invés de ser uma solução aos diversos anseios das populações espalhadas pelo novo reino, veio a agravá-los. Um ideal político formou uma nova nação, mas as instabilidades internas colocaram obstáculos no seu caminho. Ao decidir se tornar um Reino, diversas perspectivas que poderiam

⁹ Duggan, referindo-se à história da península, após a queda do Império Romano, cita uma frase do filósofo Giuseppe Ferrari em 1858, onde este resumiu as respostas encontradas pelo movimento dos propagandistas nacionais italianos como um “tumulto de povos, Estados e instituições”. Devido a essa tradição de fragmentação, o autor não se surpreende que tantos italianos achassem difícil identificar-se com o reino unificado após 1860. (DUGGAN, 2016, p. 26)

revogar esquemas antiquados, como práticas ainda feudais no campo, foram sendo lentamente ocupadas. A indústria inicialmente se viu ignorada por uma aposta econômica voltada para o campo que não recebera uma reformulação (FROSI; MIORANZA, 1975, p 13).

Os três pilares apresentados anteriormente provocaram alterações nas maneiras de se relacionar com a terra e viver nas comunidades rurais italianas. As demandas do novo Estado italiano na tarefa de construir bases sociais e administrativas provocou uma lenta substituição de sujeitos de prestígio local, que, por sua vez, desempenhavam papéis tradicionais de proteção e assistência nas aldeias rurais. De acordo com Maíra Vendrame (2017, p. 24);

Nos centros urbanos da península itálica irão surgir iniciativas mais consistentes por parte dos novos grupos dirigentes no sentido de educar a população de acordo com o ideal progressista e nacionalista da pátria. A mediação desempenhada pelos padres nas questões relacionadas com a saúde e a educação será combatida pelos representantes da administração pública — grupo laico, patriótico, liberal e italiano. O novo Estado precisava conquistar base social entre a população comum, tanto urbana quanto rural.

Os representantes do novo governo buscaram implementar um regime liberal, tentando constituir uma ordem econômica e política que beneficiasse os proprietários de grandes latifúndios, os capitalistas donos do latente sistema industrial e os profissionais liberais. Contudo, devido à debilidade das crescentes classes burguesas, a limitação do governo era evidente, sendo esse um motivo pelo qual foi preciso usar com frequência as forças de repressão em defesa do Estado (DUGGAN, 2016, p. 162-163).

Vale ressaltar que essa vulnerabilidade do Estado o fez utilizar do exército e dos *Carabinieri*¹⁰ para acabar com manifestações e inquietações sociais mais graves, por exemplo: Sicília 1862 e 1866; Toscana, Lombardia, Emilia Romagna e Vêneto em 1868 e 1869; Sicília 1892, sendo necessário instituir tribunais militares para intermediar a justiça sumária. Essas instâncias de controle do novo Estado poderiam

¹⁰ Os *Carabinieri* são uma das forças de defesa armada da Itália, criada pelo rei Vitor Emanuel I, ainda naquele período rei governante do reino da Sardenha e Piemonte. Esta instituição que, durante muito tempo, funcionou como uma das forças dentro do novo estado italiano era inicialmente composta por piemonteses (após a unificação) e tinha como característica principal ser uma força de defesa totalmente letrada e alinhada ao governo. (MINISTERO DELLA DIFESA, 2020)

condenar um homem a cinco anos de reclusão em uma colônia penal (ilha) apenas sob a suspeita de ele ser um criminoso. Mas esse tipo de força usado pelo governo sob a bandeira dos fundamentos morais do liberalismo e da obediência servil do povo para com sua nova nação gerou instabilidades sociais que marcaram o restante do século XIX.

As insatisfações em relação ao novo Estado italiano e as mudanças que o campo vinha sofrendo, especialmente devido ao avanço do capitalismo, podem ser observadas na fuga dos camponeses de regiões mais industrializadas, como o norte da Itália. É dessa região que irá sair a maior parte dos imigrantes italianos a partir da década de 70 do século XIX, que escolheram se transferir para diferentes países da América Meridional, como o Brasil. Segundo Alexandre Karsburg (2018, p. 389), os estudos que analisam “as revoltas rurais no norte italiano nas décadas de 1860 e 1870 afirmam que há uma forte relação entre esse contexto conturbado e o aumento do desejo de emigrar por parte dos camponeses italianos”.

Essas revoltas nas comunas italianas muitas vezes eram promovidas por parte do clero, que, após a Unificação, perdeu não só territórios antes pertencentes à Igreja, como também teve sua influência sobre os camponeses contestada, isso devido às ideias anticlericais e antirreligiosas do novo governo liberal italiano. Uma guerra ideológica então surge entre Igreja e Estado, ambos buscando garantir o apoio da população.

Sacerdotes eram vistos como lideranças entre os camponeses nas aldeias rurais, e se colocavam geralmente contra as ideias patrióticas do Estado. Eles se tornavam membros modelos de resistência contra o Estado liberal italiano, que era visto como responsável pelos problemas econômicos e morais. Os padres possuíam controle da vida social, religiosa e inclusive política dos membros das comunidades em que atuavam.

Esse vínculo conferia aos membros do clero o poder para capitanear projetos individuais e familiares, com base em suas convicções e/ou da igreja. Muitos padres, na Itália recém-unificada, incentivaram a organização de revoltas populares contra leis e autoridades do Estado, e entre eles também irão aparecer propagandistas da imigração para América. Alguns destes partiram para o sul do Brasil a fim de fundar comunidades livres dos problemas enfrentados na terra de origem (VENDRAME, 2017, p. 41).

2.2 IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE

Os estudos migratórios têm sido amplamente explorados pela historiografia nacional e estrangeira. Existe uma infinidade de trabalhos sobre o tema dos deslocamentos italianos das últimas décadas do século XIX. Dispensar este tema no presente trabalho o deixaria incompleto, uma vez que ele está interligado à trajetória de diversas famílias de migrantes que tiveram seus membros envolvidos na Primeira Guerra.

Desde a década de 1990, principalmente, os estudos relacionados com a história da imigração, sobretudo no Rio Grande do Sul, têm vivenciado uma profícua renovação, afastando-se de um modelo memorialístico e laudatório, que perfazia o modelo principal destas análises nas décadas anteriores. Este influxo renovador pode ser atribuído, em grande parte, à influência que os avanços de outros campos de pesquisa histórica tiveram, como a História Cultural, a chamada Nova História Política e o alargamento dos objetos de estudo da História Social. Além disso, o contato com outros modelos interpretativos, teorias e metodologias, como a micro-história, permitiram repensar e alargar o escopo historiográfico sobre a área da imigração (DOS SANTOS, 2018, p. 338).

Cada processo migratório traz consigo experiências únicas em diversos contextos e períodos. Quando analisamos um destes processos, podemos compreender as diversas camadas que compõe parte da sociedade. Isso permite entendermos “historicamente os movimentos das populações que foram obrigadas a migrar em busca de espaços novos de sobrevivência” (HERÉDIA, 2005, p. 233-234).

A migração italiana para o Rio Grande do Sul aconteceu de forma ampla, inicialmente para a região nordeste e posteriormente para a parte central do território gaúcho¹¹. Os imigrantes italianos se fixaram em núcleos coloniais, tendo sido a viagem de transferência da Itália para o Brasil patrocinada pelo governo brasileiro. Por meio de uma política oficial de colonização, o Império brasileiro financiava o transporte até os locais de fixação, concedia terras, ferramentas e subsídios para as famílias dos imigrantes começarem a desenvolver a agricultura.

¹¹ Na serra gaúcha se encontram os três primeiros núcleos de colonização italiana do Rio Grande do Sul, sendo que o quarto núcleo fica no centro do Estado. Posterior a bem-sucedida implementação destes núcleos, novas ondas de migrantes italianos expandiram suas colônias no estado.

No dia 24 de maio de 1870 era determinada a medição e a demarcação desta província, João Sertório, criava as colônias “Conde D’Eu” e “Dona Isabel”. A primeira seria constituída pelo território que hoje pertence a Garibaldi e a segunda por Bento Gonçalves dos nossos dias. Os Primeiros imigrantes chegaram a “Conde D’Eu” no dia 15 de novembro de 1875. [...] a data de chegada dos primeiros imigrantes a “Dona Isabel” verificou-se no dia 24 de dezembro do mesmo ano de 1875. [...] componentes da primeira leva chegada a Caxias do Sul, a 30 de Setembro de 1875, eram 110. (CENTENÁRIO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1975, p. 24).

Além dos dois primeiros locais citados, a imigração no nordeste do território sul-rio-grandense marca o surgimento de uma terceira região colonial: a colônia de Caxias¹². Assim, na década de 70 do século XIX, com a chegada dos primeiros grupos de italianos, o ano de 1875 se tornará posteriormente a data oficial comemorativa da imigração italiana no Estado do Rio Grande do Sul.

A imigração italiana, como um projeto oficial do Império brasileiro, ocorreu na década de 70 do século XIX, no entanto, isso não quer dizer que antes dessa data não existissem imigrantes italianos na província sulista. A presença de indivíduos vindos da península itálica já pôde ser mapeada meio século antes. Um destes grupos era o de indivíduos que vinham da Calábria, sul da Itália, e se fixaram em Porto Alegre. Na capital da então província, formaram um grupo socialmente fechado e que mantinha determinados traços da sua cultura de origem (ORO, 1988, p. 73).

Estes indícios apontados por Ari Oro (1988) reforçam ainda mais a tese de que já havia um êxodo italiano antes mesmo da “grande emigração”¹³, ou da própria existência de uma Itália unificada, e que um de seus destinos já era o Rio Grande do Sul.

Dentre os membros da península itálica que partiam com frequência para o exterior, encontravam-se comerciantes, artesãos e intelectuais. Porém, com a Unificação italiana uma crise passou a se instalar dentro do território, cada vez mais indivíduos do campo e de regiões urbanizadas, grupos mais marginalizados socialmente, migravam.

¹² A colônia de Caxias tinha em seu território total locais nos quais seriam fundadas cidades como Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha e São Marcos.

¹³ Conforme Maíra Vendrame destaca em seu livro *O poder na Aldeia*, “O período de 1870 até 1920 é caracterizado pelos estudos migratórios como a ‘Grande emigração’, pois foi o momento em que da península itálica partiu um grande número de indivíduos para o Novo Mundo”. (2016, p. 68)

O processo de imigração para a América era idealizado como uma forma de fugir das dificuldades cotidianas que cercavam grande parte da sociedade italiana no final do século XIX. Nesse sentido, geralmente camponeses e artesões buscavam redesenhar a própria sorte, eliminando problemas de ordem “religiosa e política”, ao se transferir para o além-mar para começar uma nova vida. Essa fuga, como já ressaltado anteriormente, era uma forma de resistência à desestruturação das dinâmicas tradicionais de assistência social vividas nas comunas rurais (VENDRAME, 2017, p. 41).

Outro ponto interessante abordado por Bertonha (2005, p 86.) é que o deslocamento para outros países de origens totalmente diferentes, se dava pela inexistência de um Império Colonial Italiano de porte e oportunidades econômicas vantajosas¹⁴. Os migrantes italianos que se dirigiram a diversas partes do mundo, inclusive à América, eram, conforme o autor, em grande maioria “trabalhadores braçais, rurais e urbanos, voltados às atividades menos qualificadas e do sexo masculino, ansiosos por ganhar a vida”.

No sul do Brasil, conforme as massas de imigrantes chegavam, era necessário fazer a distribuição dos lotes de terras, bem como garantir algumas assistências prometidas aos italianos recém-chegados. O que muitos destes migrantes perceberam é que as promessas divulgadas nas propagandas muitas vezes não eram cumpridas ao chegarem em seus destinos.

Enquanto algumas famílias se adaptavam bem ao novo ambiente, adotando o Brasil como pátria, outras, porém, tiveram dificuldades em colocar em prática os projetos e manter a subsistência dos filhos. Ao se analisar diversas trajetórias, pode-se perceber que os recursos disponíveis não eram iguais para todos os indivíduos. Situações de imprevisibilidade, desilusões e dificuldades em se manter nos núcleos coloniais levaram os imigrantes italianos a procurar voltar para as aldeias de origem. (VENDRAME, 2016, p. 77).

As insatisfações e não atendimentos das expectativas daqueles que haviam partido da Europa, com o sonho de rapidamente conseguir se tornar proprietários de

¹⁴ Posteriormente, isso se demonstrou como uma das ideias centrais do governo italiano, ao escolher unir-se a Entente na Primeira Guerra e tentar formar seu próprio Império Colonial, o que acabou não acontecendo com as negociações finais da Primeira Guerra, frustrando a elite política italiana, gerando um sentimento de “Vitória militar mutilada.” Este sentimento fez nascer na Itália outro fruto do nacionalismo, o fascismo (ISNENGHI, 1995, p. 133)

terras ou encontrar trabalho, provocaram também retornos para a pátria de origem. As decepções com as condições geográficas e naturais nas regiões de chegada também eram motivos pelos quais os imigrantes alimentavam o desejo de retorno.

No Brasil, alguns anos após a fixação de diversas colônias italianas no Rio Grande do Sul, ainda no período do Império, aprovou-se a Lei Saraiva (Decreto 3.029 de 09 de janeiro de 1881). Ela concedia o direito de voto para acatólicos, estrangeiros naturalizados desde que letrados e com seis anos de permanência no país. No entanto, a Lei Saraiva eliminou uma parte considerável dos votantes nacionais ao negar o direito para os analfabetos e indivíduos com menor ou nenhuma renda (PESAVENTO 1992, p. 214).

Mesmo assim, com os inúmeros problemas citados, as naturalizações e o crescimento natural dos italianos assentados permanentemente no estado só aumentaram¹⁵.

O número expressivo de imigrantes vindos, principalmente após a abertura de novas colônias no Rio Grande do Sul, a partir de 1870, mostrou-se benéfico ao governo italiano, que eliminou um excedente de população, ao qual não conseguia retirar de uma margem de subsistência gerada por suas reformas nacionais. No final do século XIX, grande parcela dos italianos ainda não tinha sua formação pátria concluída, sendo que, em “1914 cerca de 38% dos italianos ainda eram analfabetos” (BERTONHA, 2005, p. 57).

A falta de ligação com o idioma pátrio e a presença enraizada dos dialetos regionais, fez com que alguns imigrantes não tivessem estímulos suficientes para manter uma identidade italiana no Brasil. Essa população de imigrantes não se sentia vinculada ou pertencente de maneira tão forte ao Estado Italiano, isso devido a seus

¹⁵ De 1899 até sua edição de 1930, nos *Relatórios dos presidentes do estado do Rio Grande do Sul*, pode ser destacado o termo “*colonos*” em todos os anos, inicialmente falando sobre a cobrança das dívidas de terras ou de auxílios fornecidos a estes. Já o Termo “*imigrante*” aparece de forma menor no mesmo período, porém ficando de fora de alguns relatórios, neste termo, geralmente é referido o acréscimo de habitantes, auxílios dados pelo governo e suas dívidas de terra. Por fim, um ponto interessante é que o termo “*imigrantes italianos*” aparece de forma subsequente entre 1916 e 1919 (nesta mesma linha o termo “*imigrantes alemães*” que também tem um acréscimo de aparições significativas, porém este se estendendo inclusive no pós-guerra). Durante o período referente a Primeira Guerra, percebe-se que o governo investigou os grupos de imigrantes mantendo um controle acerca de população, ocupação de território, o tamanho de sua produção, dando destaque a mudanças acerca de auxílios (especificando a retirada de alguns benefícios). Interessante avaliar, também, que indiretamente (não citando os imigrantes, mas sim suas colônias) é possível encontrar reclamações e reivindicações dessas comunidades. (RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL 1899-1930)

sentimentos de pertencimento exclusivamente locais, parentais e regionais. (COSTA, 1986, p. 17-18).

Contudo, muitos imigrantes ainda desejavam reconstruir um mundo semelhante ao que haviam deixado no outro lado do Atlântico, com as referências culturais locais e regionais. Segundo Vendrame (2014, p. 140), existia a necessidade de que determinadas simbologias e práticas fossem mantidas, como por exemplo, as religiosas.

Nesse sentido, coube a alguns chefes de família ou representantes locais buscarem maneiras de manter certas identificações, e dois meios encontrados foram reforçar suas bases religiosas e educacionais. Para isso, fundaram-se escolas e igrejas comunitárias, conduzidas por padres e professores que também haviam migrado. Essas iniciativas visavam criar bases agregativas locais, assentadas sobre ritos religiosos, atividades educativas e festas socioreligiosas.

As iniciativas dos imigrantes, no que se refere ao reforço de elementos de sua cultura regional por meio da religião e educação, despertaram o interesse do governo italiano em assistir aos compatriotas no além-mar, principalmente com as políticas adotadas por Francesco Crispi¹⁶. Assim, não demorou para que as escolas fundadas nas regiões de colonização recebessem incentivo por parte da Itália. O governo italiano passou a pagar para que os professores italianos lecionassem aos filhos de imigrantes e subagentes consulares que davam assistência nas colônias (BARAUSSE, 2017, p. 45).

Na Itália das décadas de 1880 e 1890, as novas políticas de transferência de renda do campo para a indústria prejudicaram ainda mais os camponeses que dependiam do setor agrário no país. Isso reforçou o desejo de saída dos camponeses. A elite governamental da Itália, temendo que muitos destes emigrados abandonassem seus laços patrióticos para com o Estado, buscou fazer mudanças legislativas começando com a criação de um comissariado para a emigração em 1901.

Conforme Núncia Santoro de Constantino (2012), havia a percepção de que súditos italianos no além-mar “precisavam ser acompanhados de perto, pois com frequência solicitavam naturalizações”, o que segundo a autora poderia cessar o consumo de artigos e bens voltados ao povo italiano no exterior. Tal ideia é percebida

¹⁶ “Ministro de 26/12/1877 a 07/03/1878, de 04/04/1887 a 06/02/1891 e de 15/12/1893 a 09/03/1896”. MINISTERIO DELL’INTERNO, Francesco Crispi, 2020. Disponível em: <<https://www.interno.gov.it/it/francesco-crispi>> Acesso: 15/05/2020.

em alguns registros consulares anteriores à criação do comissariado de emigração. Segundo Alberto Barausse:

Todavia, no novo contexto do Brasil republicano, a tendência praticada por muitos imigrantes começou a ser observada mais de perto pelas autoridades consulares que, já no início de 1892, forçaram a relatar com certo incômodo, forçando Brichanteau¹⁷ suspender, em alguns casos, o desembolso de subsídios. Dos 48 professores registrados e financiados durante o primeiro semestre do ano de 1892, 14 foram naturalizados brasileiros: todos aqueles de Caxias. [...] Surpreendia ao cônsul a indicação de nacionalidade brasileira nas listas dos filhos de italianos nascidos no Brasil (Tradução do autor)(BARAUSSE, 2017, p. 73).¹⁸

Essa surpresa demonstrada por Brichanteu se dava principalmente com a oposição criada pela nova Constituição brasileira de 1891 em relação ao pensamento político italiano. No artigo 69 da Constituição, consideravam-se cidadãos brasileiros:

1º) os nascidos no Brasil, ainda que de pai estrangeiro, não residindo este a serviço de sua nação; 2º) os filhos de pai brasileiro e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro, se estabelecerem domicílio na República; 3º) os filhos de pai brasileiro, que estiverem em outro país ao serviço da República, embora nela não venham domiciliar-se; 4º) os estrangeiros, que achando-se no Brasil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro em seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o ânimo de conservar a nacionalidade de origem; 5º) os estrangeiros que possuírem bens imóveis no Brasil e forem casados com brasileiros ou tiverem filhos brasileiros contanto que residam no Brasil, salvo se manifestarem a intenção de não mudar de nacionalidade; 6º) os estrangeiros por outro modo naturalizados.

A busca pela naturalização dos estrangeiros letrados e principalmente de seus descendentes era uma preocupação real dos governos estaduais e do novo modelo

¹⁷ Edoardo Compans di Brichanteau foi um dos cônsules italianos que atuaram entre 1875 e 1898 representando os interesses do governo da Itália na expansão da imigração italiana no Estado do Rio Grande do Sul. (BARAUSSE, 2017, p. 46).

¹⁸ *Tuttavia nel nuovo contesto del Brasile repubblicano la tendenza praticata da molti emigrati iniziò ad essere maggiormente posta sotto piú attenta osservazione dalle autorità consolari che già nei primi mesi del 1892, furono costrette a segnalare un certo disagio, tanto da costringere Brichanteau a sospendere, in alcuni casi, l'erogazione dei sussidi. Dei 48 insegnanti censiti e sovvenzionati durante il primo semestre dell'anno 1892, ben 14 furono quelli naturalizzati brasiliani: tutti quelli di Caxias. [...] sorprende il console la indicazione della nazionalità brasiliana negli elenchi degli iscritti figli di italiani nati in Brasile* (BARAUSSE, 2017, p. 73)

político brasileiro¹⁹. Em comunicação do agente consular Brichanteau, de 26 de agosto de 1892, sobre os imigrantes italianos nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul, ele afirma:

Em breve terá uma transformação e em alguns anos será perdido todo o sentimento de italianidade naturalizando-se com muita facilidade os colonos nascidos na Itália e que constituíram nas várias colônias uma verdadeira família brasileira (Tradução do autor)²⁰.(Brichanteau apud BARAUSSE, 2017, p. 73).

Havia uma preocupação nas autoridades italianas com a perda do sentimento de italianidade dos súditos, conforme se pode perceber no trecho apresentado. Para o governo italiano, as medidas de naturalização inadequadas também se tornaram um problema cada vez maior, principalmente com a chegada de relatos de maus-tratos sofridos por italianos nas áreas cafeeiras e industriais de São Paulo. Isso culminou com a aprovação de um novo decreto de 26 de março de 1902, conhecido como o Decreto Prinetti, que suspendia o subsídio governamental para futuros emigrados italianos ao Brasil. A partir daquele momento, viriam para o Brasil, conforme a lei, apenas aqueles emigrantes e/ou seus parentes que pudessem pagar as passagens de navio.

No mesmo período, do mencionado decreto, a Itália irá também começar a receber grandes remessas de dinheiro dos súditos que se encontravam no continente americano. Conforme Bertonha:

Cálculos recentes estimam que, entre 1902 e 1914, quase 450 milhões de liras eram enviados pelos imigrantes por ano para suas famílias na Itália, e esse número aumentou nos anos seguintes, atingindo a casa dos cinco bilhões de liras em 1920, dois em 1922 e um em 1931 [...] As entradas financeiras do turismo, da marinha mercante e da emigração que permitiram a Itália se provisionar de matérias-primas e máquinas para sua

¹⁹ Apesar da abolição da escravatura ser aprovada apenas em 1888 no Brasil, a política de imigração europeia já era um marco desde o governo imperial de D. Pedro I. A preocupação da elite brasileira com o excedente de população negra fez com que diversas medidas de branqueamento fossem aprovadas ainda no início do século XIX. Após a abolição, dissolução do Império e início do período republicano brasileiro “O objetivo principal da referida política era o de atrair para o país o imigrante europeu, considerado mais apto para o regime de trabalho livre que se implantava do que os trabalhadores negros e mestiços que compunham a população da recém-criada República” (FULGÊNCIO, 2014, p. 203).

²⁰ *Esisteva il pericolo reale che l'immigrazione colonica “in breve volgere di anni perdesse ogni sentimento di italianità naturalizzandosi con somma facilità i coloni nati in Italia e costituendo nelle varie colonie una vera famiglia brasiliana* (Dispaccio Brichanteau, 26 ago. 1892 apud BARAUSSE, 2017, p. 73)

indústria e manter condições macroeconômicas mais favoráveis ao desenvolvimento industrial no período pré Primeira Guerra Mundial. Os recursos dos emigrantes depositados em bancos e investidos em títulos públicos também ampliaram a capacidade financeira do Estado italiano, que a utilizou para apoiar a indústria com créditos, financiamentos e pedidos (BERTONHA, 2005, p. 109 - 110).

Este dinheiro oriundo das remessas dos compatriotas distantes ajudaram o governo italiano, sendo que também financiaram boa parte do desenvolvimento industrial e inclusive bélico, uma vez que diversas indústrias passaram a produzir materiais usados na campanha militar italiana a partir de 1915.

2.3 A PRIMEIRA GUERRA E A ITÁLIA

Ao apresentarem suas pesquisas sobre algum período de conflito militar, alguns historiadores fizeram breve compilado, ou mesmo aprofundamentos densos e completos sobre a guerra. Inspirado nestes autores²¹, creio ser inevitável falar de alguns aspectos gerais do conflito.

A Primeira Guerra, diferentemente de outros conflitos europeus anteriores²², foi a primeira conflagração militar da era industrial em níveis mundiais. Por motivações imperialistas e pela expansão do mercado capitalista global, ela fez com que vários países se envolvessem no conflito de forma indireta. Suas origens remontam ao efeito cascata gerado pelo atentado de Sarajevo em 28 de junho de 1914, este bem sucedido ataque ao herdeiro ao trono do império austro-húngaro, o arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa duquesa Sofia Chotek. Esse fato tornou-se o marco inicial que desencadeou o primeiro conflito mundial do século XX.

Mesmo contraditório e considerado um dos pontos massivamente explorados na historiografia clássica, este é um dos fatos no qual podemos iniciar a fala sobre a Primeira Guerra, uma vez que este pode ser considerado um gesto nacionalista e símbolo contrário ao domínio estrangeiro.

O atentado fora pensado e executado por dois grupos políticos, o primeiro chamado Jovem Bósnia, e o segundo intitulado Mão Negra. O grupo Jovem Bósnia

²¹ Bertonha (2018); Constantino (2012); Franzina (2016); Hobsbawn (1994); Isnenghi (1995).

²² David Stevenson afirma que “a Primeira Guerra Mundial se tornou o protótipo de um novo modelo de conflito” (STEVENSON, 2016, Tomo I, p. 18).

era um movimento político social que reunia diversos jovens nos territórios eslavos do sul, “movidos por diferentes convicções políticas e ideológicas, variando entre anarquismo, socialismo, nacionalismo sérvio e o iugoslavismo” (KASUMOVIC, 2014 p. 23); o segundo grupo, Mão Negra, era uma conhecida organização terrorista²³, conforme Martin Gilbert (2017 p. 41), “um feroz grupo nacionalista que o próprio governo sérvio tentava suprimir”.

A Grande Guerra eclode posteriormente a um dos períodos mais promissores da vida social, cultural e artística da burguesia europeia, a *Belle Époque*. O clima cosmopolita e de laços familiares que romperiam as fronteiras imperiais (principalmente quando olhamos os laços consanguíneos do imperador da Alemanha Guilherme II, do rei inglês Jorge V e do czar russo Nicolau II), parecia ser o cenário no qual muitos membros da elite europeia jamais pensariam que surgiria o fruto desencadeador de duas guerras mundiais.

Quando as janelas da *Belle Époque* se fecharam indeterminadamente, as ruas, praças e estações ferroviárias presenciaram multidões eufóricas dando louvores às tropas que marcharam para o *front*. O nacionalismo e o patriotismo se mesclaram nas diversas ondas de soldados enviados para o campo de batalha. Sentimentos pacifistas, anarquistas e socialistas contrários a guerra acabaram silenciados (em um primeiro momento), pelo sentimento de que sua nação sairia vitoriosa. Essa guerra feita em nome do imperialismo²⁴, conduziu para a morte diversos homens que conforme relatos²⁵, muitas vezes não desejavam uma guerra, mas estavam prontos para a batalha quando chamados (SCARRONE, 2014, p. 19).

Conforme definição de Mario Isnenghi (1995), ela foi a “primeira guerra de massas”. Trouxe inúmeros problemas às nações beligerantes, que se viram reféns de exércitos profissionais pequenos demais para combates em larga escala, sendo necessário recorrer às grandes massas de indivíduos que não possuíam aspirações ou treinamentos militares. Camponeses, industriários, comerciantes, jovens estudantes e filhos de imigrantes foram recrutados ou chamados às armas para defender sua pátria.

²³ Três dos membros do atentado ao arquiduque e a duquesa eram membros do Mão negra, entre eles Gravilo Princip, que deferiu os tiros fatais. (GILBERT, 2017, p. 41).

²⁴ David Stevenson afirma que “o imperialismo projetou as rivalidades da Europa por todo o mundo. Entre 1800 e 1914, a proporção da superfície da terra ocupada pelos europeus, sob a forma de colônias ou antigas colônias, cresceu de 35% para 84,4%” (STEVENSON, 2016, Tomo I, p. 9).

²⁵ Ver relatos apresentados por: Arthur (2011); Englund (2014); Franzina (2016); SanMartin (1957).

Milhares de mortos, desaparecidos e feridos são listados há mais de um século, muitos desses ainda hoje são encontrados e às vezes identificados, para então receber uma homenagem final. Creio que nenhuma analogia, para com a essência da guerra, seja tão dura quanto a feita por David Stevenson na introdução de sua extensa bibliografia sobre a Primeira Guerra:

A essência da guerra está na ferida e no sofrimento, na captura, na mutilação de seres humanos, bem como na destruição de suas propriedades, por mais férteis que sejam nossos eufemismos linguísticos para esconder esse fato. Além disso, a guerra se caracteriza por ser um processo recíproco, uma competição de crueldade, capaz de transformar até os homens mais pacíficos em matadores e também em vítimas. (STEVENSON, 2016, Tomo I, p. 19).

A Primeira Guerra, de um ponto de vista estratégico militar, pode ser dividida em duas fases, “uma guerra de movimento”, que se mostrou inviável em poucos meses, uma vez que as potências possuíam um equilíbrio numérico militar que tornaram equivalentes os embates e a “guerra de trincheiras ou de posições”.²⁶

O sistema de trincheiras passou a ser o símbolo mais lembrado quando se fala na Primeira Guerra. De uma vala comum cavada às pressas, a gigantescas cadeias de trincheiras pensadas como lugares de lazer, descanso e planejamento estratégico que atravessavam países inteiros, foram a morada de milhares de soldados durante o conflito que deveriam “aguentar o cansaço, esperar e resistir” (ISNENGI, 1995, p. 45)

A partir de 1914, o desespero para fugir do alistamento obrigatório começava a ser uma realidade entre os civis do sexo masculino, mesmo entre os que não tinham idade militar para tal. Com o controle das mídias pelo Estado, os civis dos países em guerra começariam a ficar horrorizados com as extensas listas de baixas que viriam a ser divulgadas (ARTHUR, 2011, p. 45). Porém, este não seria o único mal que os civis sofreriam, visto que a guerra começou a entrar dentro de suas cidades e vilas. Assim, as praças, antes repletas de vidas, começaram a ficar vazias.

O campo de batalha não estava distante, a destruição da artilharia e pilhagem dos exércitos não ficava em fronteiras longínquas. A “Primeira Guerra Mundial, de

²⁶ As datas podem variar de autor para autor, alguns preferindo separar a guerra de movimento da guerra de trincheiras por ano, outros por meses, exemplo Martin Gilbert (2017), Michael Howard (2011) e David Stevenson (STEVENSON, 2016). Existe ainda algumas pesquisas como a de Paulo Visentini (2018) que divide em ciclos diferentes, trazendo luz a novos questionamentos.

acordo com Paulo Visentini (2018, p. 17), foi o primeiro conflito a ter mais mortos civis (9 milhões) do que militares (8 milhões), além das mais de 6 milhões de vítimas da gripe espanhola no imediato pós-guerra”.

Em 1915, no ano seguinte ao início do conflito, a Itália entra na guerra. O país se manteve neutro inicialmente, uma vez que não havia um grande entusiasmo para ingressar no conflito, isso devido ao desgaste já provocado pela guerra turco-italiana de 1911/1912 na disputa pela Líbia. Além disso, diversas greves paralisavam a indústria italiana em 1914 (HOWARD, 2011, p. 68). Contudo, o crescente movimento intervencionista começou a ganhar força na imprensa e no congresso italiano no final de 1914. Discursos que defendiam razões políticas para ingressar na guerra, começaram, portanto, a ganhar força. O pensamento de adquirir novas colônias e colocar o Reino da Itália entre as potências mundiais voltou a florescer, o que significava não importar quem era o inimigo, mas sim quais territórios seriam intercambiáveis (ISNENGHI, 1995, p. 58).

Os italianos estavam divididos por diversos campos influentes, parte da Igreja e da aristocracia desejava apoiar os alemães e austríacos contra o Ocidente Liberal. Mas as forças vindas do *Risorgimento*²⁷ e da Unificação Italiana demonstravam apoio à causa Aliada, uma vez que só ela poderia ceder os territórios itálicos que ainda estavam sob domínio austríaco – velho inimigo nacional desde a Unificação italiana (HOWARD, 2011, p. 26).

Em 26 de Abril de 1915 a Itália assina o Tratado de Londres com os Aliados. Conforme este tratado, eram-lhes prometidos os territórios irredentos e itálicos (Trento e Trieste) e os territórios multiétnicos (Tirol, Istria, Gorizia, Gradisca e parte da Dalmácia). Em 23 de Maio de 1915 a Itália entra em guerra, sob o comando de Luigi Cardona (STEVENSON, 2016, Tomo II, p. 23 e 24).

A guerra seria, portanto, o desenlace final do processo de Unificação do território da península iniciado em meados do século XIX. A campanha militar entre Itália e Áustria-Hungria dentro da Primeira Guerra se demonstrou como um conflito dentro de outro²⁸, onde as diferenças aristocráticas e os ideais políticos foram colocados acima de tudo. O nacionalismo desenfreado de ambos os lados acirrou as

²⁷ Movimento iniciado na primeira metade do século XIX, conhecido como um processo de gradual redescoberta e de reivindicação de sua própria identidade nacional italiana. Iniciado em 1815, ele ajudou a criar o reino unificado na Itália, em 1861, fazendo da Península um organismo político independente com base nacional (DORNELLES, 2010, p. 33).

²⁸ Stevenson (2016), Howard (2011), Gilbert (2017), Cavallaro (2010).

rivalidades. Assim, de um lado, os militares como o general Luigi Cardona viam a chance de mostrar sua força ao mundo, com base na lealdade e no sangue dos seus soldados, reforçando ainda mais o nacionalismo italiano de entrega dos homens no campo de batalha. Do lado rival, se apresentavam militares, como Svetozar Borojević que tinha fama de não desperdiçar tantos homens em investidas desnecessárias.

A vitória Austro-húngara sobre as tropas italianas era boa para a moral do exército e do, já que estes eram um inimigo muito mais detestado (STEVENSON, 2016, Tomo I, p. 146).

FIGURA 1 – Territórios Irredentos



Fonte: Mapa original da Itália <https://2.bp.blogspot.com/-92J6yop8vNE/Tcor69RChxI/AAAAAAAAAB3s/sG72e9j49fs/s1600/map-of-italy.gif> Acesso em 17/06/2020.

A campanha militar italiana, assim como a francesa, otomana, britânica, alemã ou austro-húngara teve suas particularidades, apesar de todas elas estarem em um mesmo conflito. Por mais que os exércitos fossem compostos por soldados, e a frente de batalha exigisse que obedecesse às ordens e cumprisse o dever, os combatentes

tenham nomes, famílias, desejos de retornar para casa e constituir uma vida em seu país de origem.

3. NÃO EXISTE SOLDADO ANÔNIMO, TODO SOLDADO TEM UM NOME E UMA ORIGEM

Nesta parte do trabalho buscamos destacar o papel de alguns ítalo-brasileiros que atuaram na guerra, tentando resgatar brevemente sua atuação neste período. O nome deste capítulo reforça a ideia de que não existe soldado anônimo. Todos estes homens tiveram nomes, uma origem e principalmente motivações e sonhos. Infelizmente, com o tempo muitos acabaram caindo no esquecimento ou no completo anonimato, e trabalhos como este, de forma inicial, buscam tentar retirá-los desta obscuridade histórica.

Na primeira parte deste capítulo (*3.1 Indivíduo além da farda: voluntários ítalo-brasileiros na Primeira Guerra*) analisamos quem eram esses voluntários, conhecendo a origem de alguns destes, suas idades e nomes, explorando como se deram seus alistamentos e partidas para o *front*. Na segunda parte (*3.2 Rumo ao Front: do nacionalismo ao treinamento militar*) é feita uma análise das fontes primárias e de outras bibliografias, investigando como esses jovens foram influenciados a partirem para a guerra e como o nacionalismo italiano atuou neste momento. Já na parte final deste trabalho (*3.3 Voluntários Ítalo-brasileiros no Front: Microbiografia de alguns mortos na guerra*) buscando aprofundar um pouco mais sobre as experiências destes indivíduos na guerra, foi desenvolvida uma pesquisa em diversos registros militares, tentando entender como alguns destes homens participaram da guerra, destacando seu possível percurso militar até sua morte, além de tentar analisar como sua vida pregressa influenciou na carreira militar.

Analisar a história destes indivíduos e a conjuntura na qual eles estavam inseridos neste período, possibilita entendermos o lado humano da Primeira Guerra e principalmente expandirmos um pouco mais as redes internas e externas que imigrantes italianos e seus descendentes possuíam. Explorar estes acontecimentos torna possível uma maior aproximação com os pensamentos e sentimentos de um grupo de indivíduos que acabaram esquecidos em uma simples lista de nomes.

3.1 INDIVÍDUO ALÉM DA FARDA: VOLUNTÁRIOS ÍTALO-BRASILEIROS NA PRIMEIRA GUERRA

Depois que em 25 de maio de 1915 os jornais rio-grandenses publicaram a notícia oficial da entrada da Itália na guerra, muitos jovens se apresentaram ao Consulado de Porto Alegre, assim como nas agências consulares do interior do estado, 'declarando-se prontos para embarcar com destino ao seu país, a fim de tomar parte na guerra contra a Áustria' (RUGGIERO, 2016, p. 301).

Após a Itália declarar oficialmente guerra ao Império Austro-húngaro em maio de 1915, a movimentação de entusiastas belicistas e possíveis voluntários italianos começou a ganhar força em diversos lugares do mundo. Com a deflagração do conflito começaram a ser expedidas convocações militares, formação de comitês pró-pátria e criação de sociedades de mútuo-socorro em prol dos veteranos feridos nos combates em lugares fora da península itálica, onde existiam imigrantes italianos e descendentes.

Em artigo, Antonio de Ruggiero (2015, p. 81) afirma que o afastamento das comunidades italianas da América em relação à Itália tornara muito alta as taxas de deserções entre reservistas convocados. Foram chamados para participar da guerra "1.200.000 reservistas que cumpriam os requisitos para lutar pela pátria de origem", mas apenas "304.000 responderam positivamente". Cerca de 12 mil se apresentaram para lutar no *front*, dentre esses se encontra um grupo de ítalo-brasileiros.

Ao analisarmos algumas pesquisas já realizadas sobre o tema dos imigrantes italianos e descendentes que residiam no Brasil e se apresentaram como voluntários para participar da Grande Guerra²⁹, percebemos que existe muito ainda para ser pesquisado, pois a maior parte dos soldados permanece ainda no anonimato. Graças ao interesse de diversos pesquisadores já é possível conhecer alguns nomes e a trajetória de soldados que lutaram no *front*.

No presente capítulo, iremos trabalhar de forma ampla com a lista de voluntários apresentada no livro *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925* (2000)³⁰. De acordo com este, um grupo de 392 homens

²⁹ Ver, por exemplo, Franzina (2016); Ruggiero (2015, 2016); Vendrame (2015); Costa (2015).

³⁰ O livro *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925*, foi publicado durante a festa de comemoração dos cinquenta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1925, e reimpresso em 2000 em comemoração aos 125 anos deste mesmo evento.

partiu³¹ do Rio Grande do Sul³² para os campos de batalha italianos; destes, 14 morreram em combate, e um total de 28 famílias de soldados foram repatriadas com auxílio do Comitê Pró-Pátria³³.

Até o presente momento, sabemos que apenas um único soldado teve suas memórias sobre a participação no conflito publicadas. Depois de ter participado do conflito e retornado para o Brasil, Olyntho SanMartin escreveu sobre sua experiência, sendo o material publicado sob o título *Escola da morte: Memórias da Grande Guerra de 1914-1918 de 1957* (SanMartin, 1957).

Diferente da Segunda Guerra Mundial, em que ainda é possível trabalhar com alguns poucos veteranos do conflito, ainda vivos, o mesmo não ocorre para quem estuda a Primeira Guerra. Logo, precisamos encontrar fontes documentais e buscar outros caminhos para acessar a vida dos voluntários que atravessaram o Atlântico para lutar na guerra. Procurar entender suas motivações e interesses em participar de uma das mais ferozes guerras do período contemporâneo, são questões que motivaram a realização da presente pesquisa. Quem eram os indivíduos que se voluntariaram? O que eles pensavam sobre a guerra? De qual camada social eles vinham? O que os levou a optarem por participar numa guerra pela pátria distante? Quais eram suas pretensões? As perguntas são muitas, e não é possível ouvir dos próprios combatentes o que os levou a se voluntariar.

Carlo Ginzburg, no prefácio do livro *O queijo e os vermes* (2006), destaca um questionamento realizado por um leitor operário: “Quem construiu Tebas das sete portas?”. Sobre os pedreiros anônimos as fontes não contam nada, porém é preciso buscar descobrir quem foram os homens que edificaram Tebas. O interesse por procurar dar voz para aqueles que quase não aparecem nos documentos vem do pesquisador, que busca ouvir os indivíduos que não deixaram muitos registros.

A partir das informações extraídas do livro do *Cinquantenario* (2000), construímos uma tabela com os nomes de quatorze soldados mortos durante a guerra.

³¹ Conforme o livro *Cinquantenario*, a lista comporta os homens que partiram dos portos de Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande.

³² A obra menciona o total de 392 voluntários/soldados, mas é possível que este número seja maior que o registrado, uma vez que alguns podem não ter vindo ao consulado italiano em Porto Alegre para solicitar a partida para Itália. É possível que alguns combatentes tenham realizado a viagem de forma autônoma, passando pela Argentina (Buenos Aires) e o Uruguai (Montevideú) onde existiam núcleos de imigrantes italianos que também partiram para a Itália. O número de 392 se refere apenas aos voluntários gaúchos durante os primeiros quatro meses do conflito.

³³ O comitê Pró-Pátria organizou-se a fim de auxiliar as famílias que ficaram sem seus chefes a arrecadar auxílios e remeter remédios para a Europa. (RIOS apud TRENTO, 1988, p. 93)

Para auxiliar em sua elaboração foram usadas duas bases de dados online³⁴ que possuem registros dos soldados italianos mortos no grande conflito. Infelizmente, essas bases não estão completas, sendo, portanto, utilizadas as duas para buscar trazer com mais precisão e completude as informações sobre os combatentes.

TABELA 1 – Lista de soldados ítalo-brasileiros mortos na Primeira Guerra

NOME	NASC/MORTE	RESIDÊNCIA
Delfino de Marco	18/11/1890 - 25/11/1915	Porto Alegre
Filippo Benvenuti	03/09/1896 - 06/07/1916	São Leopoldo
Guerino Gobbi	13/02/1896 - 15/03/1916	Garibaldi
Alfredo Londero	13/02/1894 - 06/10/1916	Silveira Martins
Raffaele Zambelli	15/03/1898 - 02/03/1918	Caxias do Sul
Pietro Brunello	12/12/1893 18/01/1893 - 04/12/1917	Garibaldi
Gabriele Piscitelli	04/11/1895 - 10/11/1918	Porto Alegre
Eugenio Curcio	18/06/1890 08/06/1890 - 05/03/1918	Porto Alegre
Luigi Martimbianco	??/??/?? - 02/07/1916	Bento Gonçalves
Luigi Luchina	??/??/?? - 12/07/1916	Santa Maria
Alessandro Vacchi	??/??/?? - 26/07/1916	Porto Alegre
Giocondo Possani	??/??/?? - 06/04/1916	Porto Alegre
Ermogene Corona	??/??/?? - ??/??/??	Porto Alegre
Angelo Bracagioli	??/??/1892 - ??/10/1918	Caxias do Sul

Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 422 - 423), As bases de dados usadas são a *Banca Dati dei Caduti e Dispersi 1ª Guerra Mondiale* disponível em: http://www.difesa.it/Il_Ministro/CadutiInGuerra/Pagine/AlbodOro.aspx e o *Albo dei caduti italiani dela Grande Guerra* disponível em: [http://www.caduti grande guerra.it](http://www.cadutigrande guerra.it)

Como a tabela demonstra, estes quatorzes soldados mortos residiam em sete cidades diferentes. Assim se encontram distribuídos o grupo de soldados mortos do qual temos mais informações³⁵:

³⁴ As bases de dados usadas são a “*Banca Dati dei Caduti e Dispersi 1ª Guerra Mondiale*” mantido pelo próprio *Ministero della difesa* da Itália e o projeto “*Albo dei caduti italiani dela Grande Guerra*” mantido e apoiado pela *Associazione Storica Cimetrincee, Istoreco* e o *Ministero della Difesa* da Itália.

³⁵ Citarei apenas o sobrenome quando pertinente para a narrativa.

- Seis voluntários da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre;
- Dois do município de Garibaldi;
- Dois do município de Caxias do Sul;
- Um do município de Bento Gonçalves;
- Um de São Leopoldo;
- Um do município de Silveira Martins;
- Um do município de Santa Maria.

Outra questão interessante são as macrorregiões de onde surgem estes voluntários: seis deles partiram da capital do Estado e cinco de regiões de colonização italiana fundadas na década de 70 do século XIX no Rio Grande do Sul, sendo as três primeiras delas criadas na parte nordeste do território gaúcho e uma quarta na parte central do Estado. Apenas um dos mortos saiu de uma cidade de ocupação germânica (São Leopoldo).

TABELA 2 – Lista de idade dos soldados ítalo-brasileiros mortos na Primeira Guerra

NOME	IDADE	NOME	IDADE
Delfino de Marco	25	Eugenio Curcio	28
Filippo Benvenuti	19	Luigi Martimbianco	??
Guerino Gobbi	20	Luigi Luchina	??
Alfredo Londero	22	Alessandro Vacchi	??
Raffaele Zambelli	20	Giocondo Possani	??
Pietro Brunello	23 - 24	Ermogene Corona	??
Gabriele Piscitelli	23	Angelo Bracagioli	26

Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 422 - 423)

Conforme os registros, possuímos a data de nascimento completa de oito dos soldados mortos (De Marco, Benvenuti, Gobbi, Londero, Zambelli, Brunello, Piscitelli e Curcio) e em um caso apenas a idade de falecimento (Bracagioli). Em dois casos (Brunello e Curcio) existem divergências entre o registro feito no livro do

Cinquentenario e os registros dos bancos de dados consultados, tendo em um dos casos uma possível diferença na idade do soldado (Brunello, que poderia ter 23 ou 24 anos no seu falecimento).

Levando em conta a idade dos nove homens, a maioria destes possuíam idade superior a 20 anos, com exceção de Benvenuti que teria falecido com 19 anos de idade. Dos mortos, o que teria a idade mais elevada era Curcio com 28 anos. Apenas um deles, De Marco, nascera na Itália, em Filetto³⁶, e viera migrado para o Brasil passando a residir em Porto Alegre. Todos os outros eram nascidos no Brasil e residentes nos locais onde nasceram (*CINQUANTENARIO*, 2000 p. 422).

Outro ponto pertinente a ser destacado é o tempo de partida, de entrada na guerra até o registro da morte. Isso permite perceber o tempo que a guerra durou para estes homens. Novamente destaco que a lista dos 392 corresponde apenas aos quatro primeiros meses de embarque (de Junho à Setembro de 1915). Contando a partir do mês seguinte ao embarque, outubro de 1915, até a data da morte de alguns dos soldados, percebe-se que alguns estiveram na guerra por apenas alguns meses, já outros puderam presenciar seu armistício, morrendo dias antes do fim da guerra.

3.2 RUMO AO FRONT: DO NACIONALISMO AO TREINAMENTO MILITAR

A partir dos nomes dos voluntários listados acima, buscaremos agora analisar como esses jovens foram influenciados a partir para a guerra. Um sentimento de nacionalismo pela pátria italiana fez com que optassem por se alistarem e irem até os campos de treinamento.

No ano de 1915, diversas famílias de imigrantes ítalo-brasileiras foram marcadas pela partida de integrantes jovens para a “guerra europeia”. Jornais como a *Fanfulla*³⁷, veículo de comunicação tradicional da comunidade italiana no Brasil, existente desde 1893, noticiava a formação de diversos grupos de voluntários/soldados. No Rio Grande do Sul, o fato também não passou despercebido, ocorrendo, porém, de forma mais dispersa e tímida do que os organizados em São

³⁶ Província de Chieti na região de Abruzos.

³⁷ O periódico *Fanfulla* é um dos tradicionais jornais de origem italiana que surgiram ainda no final do século XIX (1893), com alguns períodos de paralização (como durante a segunda guerra mundial). É considerado um dos jornais de maior tradição voltado a comunidade ítalo-brasileira. Foi impresso por mais de 100 anos no estado de São Paulo (até 2014), quando passou a existir só em formato digital, em 2019 voltou novamente a circular na cidade de São Paulo em formato impresso.

Paulo. Talvez, por conta das distâncias físicas entre as regiões, os eventos de despedida ocorreram de maneira mais familiar nas estações ferroviárias e nos portos gaúchos. Conforme é possível perceber no que foi relatado por SanMartin (1957):

Não era só o abandono da casa paterna, meus pais pobres, mas cheios de esperança, que muito me acabrunhava. Era também a separação de meus irmãos, [...] esse conjunto familiar que me comprimia o coração, realçado pela imagem de minha mãe que chorava por mim, de meu pai austero e conformado e dessa irmã que mal sorria para o mundo [...] Parti. Viajei em trem de ferro todo esse dia festivo de São João em vésperas e à noite chegava à cidade de Porto Alegre, a capital, com belos palácios e bondes elétricos que me provocavam admiração. Apenas seis dias de permanência e o vapor da costa, o "Itassucê" conduziu-me até o Rio de Janeiro.

Quando pela primeira vez embarquei nesse vapor estava sob o caráter festivo do grupo de voluntários. Discursos, música e aplausos dos que ficavam, todo esse calor contagiante que solidariza os sentimentos e divide as desgraças (1957, p. 10-11).

Em relação à viagem de navio e sobre as despedidas, SanMartin também destaca:

O navio se movimenta lentamente e, ao meu lado, um jovem como eu, imprimindo no rosto uma angústia sufocante gritava e estendia o braço a um casal maduro que chegava ao cais alvoroçado, em pranto, a querer apertar a mão do que partia. Os braços esticavam-se, nervosos e apressados, para aproveitarem aquele segundo em que o vapor ainda estava próximo, mas já em movimento.

Foi um acúmulo de esforços, cada qual estendendo as mãos agitadas, emocionadas entre adeuses e prantos, curvados, fazendo o máximo de contato de mão com mão. No entanto nem as pontas dos dedos se encontraram e o impossível na proporção que o navio se deslocava. [...] Soube mais tarde que os autores daquele adeus malogrado eram seus pais que chegaram retardados para sempre ao embarque de seu filho querido. (1957, p. 13-14).

A mobilização destes jovens, em parte cheios de um nacionalismo e patriotismo, fica evidente no livro de memórias de SanMartin (1957). Emilio Frazina (2016), que analisou os escritos do mencionado soldado, também destaca essa questão do nacionalismo de imigrantes italianos e descendentes que se encontravam no Brasil. Mas de onde vinha esse nacionalismo e patriotismo que ascendeu de forma

decisiva em jovens ítalo-brasileiros com a eclosão da Primeira Guerra? Tal sentimento era partilhado por todos?

Para além do que já foi discutido no segundo capítulo deste trabalho, João Bertonha, no livro intitulado *Italianos e Austro-Húngaros no Brasil: Nacionalismos e Identidades* (2018), ressalta que “a identidade italiana foi se fortalecendo com o passar do tempo” nas terras brasileiras. Esse fortalecimento da italianidade é algo que esteve muito ligado às próprias “características do ambiente” brasileiro que:

(...) tratava a todos como “italianos” e colocava muitos deles em situações que estimulavam uma identidade comum e a psicologia do emigrado que, às vezes, parecia ter uma certa necessidade de recriar e endeusar simbolicamente a Pátria distante (BERTONHA, 2018, p. 70).

Uma identidade comum, imposta a todos os imigrantes e descendentes da península itálica que haviam fundado comunidades em locais distantes da pátria mãe. Um sentimento de italianidade constituiu uma “identidade italiana unificada” que foi responsável por motivar em solo brasileiro os voluntários/soldados.

Sobre os meios de circulação de notícias e de propaganda, Sidney Garambone (2003) indica que os veículos formadores de opinião pública no início do século XX não eram muitos, contudo, era a fonte que mais atingia a massa populacional.

Apenas jornais e as revistas retratavam, noticiavam e influenciavam a sociedade então. [...] Na década de 10, o cidadão das grandes cidades apenas lia o mundo, incapacitado tecnologicamente de vê-lo, ouvi-lo ou mesmo se conectar a ele. [...] Fora os jornais, não havia outro veículo de comunicação de massa. A prosa na rua talvez fosse a grande concorrente do jornalista profissional (GARAMBONE, 2003, p. 37).

Com a entrada da Itália na guerra, no Brasil, especialmente em locais onde havia muitos imigrantes italianos, a imprensa começava a divulgar notícias. Alguns jornais e folhetins ítalo-brasileiros começaram a publicar notas satíricas principalmente contra os “inimigos germânicos”, sem perder suas características locais³⁸. Outros ainda publicavam notas das vitórias sobre a guerra europeia, dando foco para o *front* italiano³⁹.

³⁸ Destaca-se aqui a série TELEGRAMMAS publicada entre 1914 e 1915 no Jornal *A Encrenca* de Caxias do Sul.

³⁹ Destaca-se aqui jornais como *Il Corriere Italiano de Caxias do Sul*, *Fanfulha* de São Paulo, *Stafetta*

SanMartin (1957) escreve em sua autobiografia correspondente ao período de 1914 a 1918 que, quando iniciou-se o conflito, ele foi tomado pelo “instinto da guerra, dos entrechoques heroicos”. Por ser descendente de “peninsulares” que residiam no sul do Brasil, o mesmo sentiu-se motivado no momento em que a Itália entrara na guerra. Segundo SanMartin, o “ancestralismo vibrou mais fundo”, ultrapassando até mesmo seu conhecimento sobre o que era uma guerra. Seus pais e familiares tentaram fazer desaparecer a ideia de partir para uma batalha, por meio de aconselhamentos e discussões durante as refeições da manhã e noite. No entanto, ressalta que ele já estava decidido a participar da “mítica que estava formada”.

A inconsciência juvenil, juntamente com a convicção de que a guerra acabaria rapidamente, o espírito romântico e a curiosidade de conhecer a Europa, e especialmente o país de origem familiar, frequentemente invocado dentro das paredes das casas, mas especialmente a oportunidade única de poder beneficiar-se de uma viagem transoceânica gratuita, foram elementos que convenceram também muitos jovens de origem italianas ainda não chamados compulsoriamente a se apresentarem voluntariamente ao consulado local, para o alistamento no exército do Reino Italiano (RUGGIERO, 2015, p. 84).

As questões apresentadas por Ruggiero nos fazem presenciar o quão amplo era o grupo que partiu para a Itália e quais eram suas linhas de pensamento. Românticos, insequentistas, aventureiros, patriotas e jovens humildes em busca de desfrutar algo único, podendo o soldado SanMartin (1957) ser enquadrado em algumas dessas classificações. O mesmo, ao narrar seu sentimento para com a guerra, tece duras críticas em relação à própria decisão e motivação que o levou a ir para o *front*. Nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul, nos anos que se antecederam à entrada da Itália na Primeira guerra, ainda no século XX, ocorreram conflitos entre imigrantes que promoviam atos nacionalistas pró-Itália e os contrários, muitos deles indivíduos que haviam chegado ao Brasil com o passaporte austríaco. Conforme Vendrame (2015, p. 30):

Os imigrantes expressaram sua ligação com a pátria italiana, a família real e os heróis que haviam participado da Unificação, assumindo as sociedades de mútuo-socorro papel fundamental na constituição da identidade italiana no exterior. [...] Tanto o

sentimento de italianidade como o de catolicidade eram aspectos que favoreceram a identificação de grupo entre os imigrantes. É através de símbolos e vínculos variados que o sentimento de pertencimento ia se constituindo.

O nacionalismo expresso na Itália atravessava o Atlântico e chegava às colônias do sul do país. Para isso, foi fundamental a atuação de alguns imigrantes, muitos deles italianos que tinham chegado ao Brasil com certo domínio da escrita, passando, por conta disso, a atuar como professores e agentes consulares.

A fundação de sociedades de mútuo-socorro, que ajudavam a reforçar os vínculos e identificações entre os italianos no exterior, fomentou o fortalecimento do sentimento de pertencimento com o Reino da Itália. Para tanto, eram realizadas festividades, construção de monumentos e realização de homenagens aos feitos realizados pelos heróis da pátria distante.

Um exemplo disso pode ser percebido no sentimento patriótico nacional reforçado entre 1911 e 1913 quando a Itália vivia a guerra ítalo-turca. A vitória e tomada da Líbia repercutiu numa região de colonização italiana localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, conforme é possível perceber em estudo realizado por Vendrame (2015). Imigrantes, que haviam assumido papéis de liderança e de certo reconhecimento nas comunidades coloniais, organizavam homenagens às vitórias militares da Itália. Serão estes os que posteriormente também irão defender a entrada da Itália na Primeira Guerra.

Antes de partir da Itália com a família em 1885, Andrea Pozzobon fazia parte do exército italiano. Na comunidade de Arroio Grande, local onde se fixaram também diversos conterrâneos, ele irá se destacar em ações e discursos marcados por um forte nacionalismo. Esse será um dos motivos pelo qual ele irá criticar os próprios imigrantes italianos que não partilhavam de suas ideias. Professor, fundador e membro da Sociedade de Mútuo Socorro *Duca degli Abruzzi*, Pozzobon organizou a construção de um monumento para festejar todos os soldados italianos que tinham tombado na guerra de conquista no norte da África (VENDRAME, 2015, p. 35).⁴⁰

Em relação à entrada da Itália na Primeira Guerra, Christian Satto (2015) e Isnenghi (1995) distinguem a existência de movimentos entre os italianos, o dos “intervencionistas” e “neutralistas”. Os primeiros defendiam que a entrada na guerra poderia estabelecer finalmente a solidificação das estruturas do Estado italiano,

⁴⁰ Ver o estudo de trajetória de *Andrea Pozzobon* feito por Maira Vendrame (2015).

garantindo a permanência da monarquia italiana e transformando, finalmente, a nação em uma grande potência, com territórios conquistados por meio de batalhas. Já o grupo dos neutralistas, formado principalmente por membros socialistas, anarquistas e católicos, contrários às decisões do governo – como a nacionalização e a guerra, tinham uma imensa dificuldade em unir-se por um ideal direto, isso devido às suas rivalidades institucionais e intelectuais. Este foi um dos motivos que os levaram ao fracasso na questão da manutenção da neutralidade em 1914.

Os intervencionistas conseguiram unir liberais, agregando os conservadores em prol do seu interesse político. Passaram, portanto, a contestar fortemente os membros neutralistas do governo, gerando um movimento que culminou com a entrada da Itália na guerra. Os posicionamentos pró e contra a adesão ao conflito chegaram também às comunidades italianas do Brasil, pela mesma linha social que estava presente na Itália. Nas comunidades coloniais, as manifestações de apoio à pátria começaram a ganhar força no início do século XX.

A presença desse sentimento de italianidade pode ser percebida em 1915, no número de imigrantes e filhos de imigrantes que serviram como soldados e voluntários na Grande Guerra. Do Rio Grande do Sul foram para a Itália 392 indivíduos para lutar na guerra. Levando em conta as manifestações de oposição dos italianos contra o alistamento militar aqui no Brasil, tendo em vista que tal serviço prejudicaria a reprodução do grupo e causava desequilíbrios à economia doméstica, considera-se significativo o número de indivíduos que abandonaram temporariamente o território sul-rio-grandense para lutar na Europa (VENDRAME, 2015, p 40).

O reforço do sentimento de italianidade foi ganhando poder através das manifestações públicas nas comunidades, na imprensa patriótica, nas comemorações das datas nacionais e nas propagandas realizadas pelos conterrâneos.

SanMartin (1957), no capítulo sobre a Escola da Morte, indica como começou a viver a Primeira Guerra⁴¹, o que sentiu ao vestir a farda militar⁴². Além disso, também descreve como, a partir desse momento, o tratamento dos italianos para com ele também mudaria. Olhares de simpatia, encorajamento e de piedade partia de

⁴¹ SanMartin nomeia o capítulo que descreve a chegada à Vicenza (local onde seria alistado e definitivamente receberia seu registro militar) de Escola da Morte, que também leva o título principal da obra.

⁴² Parecia-me que minha individualidade fora despida em troca de uma outra completamente estranha, e até constrangedora. (SANMARTIN, 1957, p. 54-55)

mulheres e velhos para com ele, uma vez que não podiam cumprir seu “dever sagrado” para com a Pátria (SANMARTIN, 1957, p. 55).

O aquartelamento reforçou sua compreensão do sentimento heroico do corpo de soldados, sentimento que colocava na união de todos para uma vitória grandiosa, e dá futilidade imposta nos treinamentos, que em muitos casos levavam a uma morte rápida e sem sentido⁴³. A guerra aqui começava a fixar sua marca, mesmo antes da batalha. Os campos de treinamento preparavam os homens, muitas vezes, precariamente para o que viria a acontecer durante os combates. Mas preenchiam suas mentes com o sentimento de vitória e da importância do sacrifício que estavam fazendo por sua nação.

Contudo, devemos reforçar que nem todos os soldados eram encorajados pelos outros alistados no exército. De acordo com a ideia apresentada por Peter Englund, em seu livro “*A beleza e a dor: Uma história íntima da Primeira Guerra Mundial*” (2014), o recruta ítalo-estadunidense Vincenzo D’Aquila, ao chegar no 25º Regimento de Piacenza, encontrou soldados uniformizados descansando. Ao compartilhar, juntamente com outros soldados que vinham da América, o orgulho de estar participando da Guerra, seus colegas italianos uniformizados começaram a rir. Para eles “é incompreensível ou até burrice que alguém possa, de livre e espontânea vontade, abandonar uma vida pacífica do outro lado do Atlântico para entrar ‘nessa onda de loucura que atingiu o velho mundo’”. Logo, os soldados recém-chegados eram “chamados de ‘idiotas’, ‘asnos’, ‘imbecis’”. (ENGLUND, 2014, p. 133). O ocorrido foi em agosto de 1915, momento em que os recrutas ítalo-brasileiros também estavam chegando à Itália para a guerra. É provável que rapidamente tenham percebido o mesmo que Vincenzo D’Aquila relatou acima.

3.3 VOLUNTÁRIOS ÍTALO-BRASILEIROS NO FRONT: MICROBIOGRAFIA DE ALGUNS MORTOS NA GUERRA

Complementando os dois capítulos anteriores, iremos trabalhar nesta última parte com a vida dos voluntários ítalo-brasileiros na Primeira Guerra, buscando aprofundar um pouco mais sobre as experiências destes indivíduos. Anteriormente,

⁴³ Sabia que iria aprender a matar, mas tinha consciência também que aquele aprendizado era o aprendizado da destruição em massa. Ora aí crescia o paradoxo. Morrer por morrer, era melhor que morrer sem grandes trabalhos, sem preparativos inúteis e dispendiosos. (SANMARTIN, 1957, p. 56)

no subcapítulo “A Primeira Guerra e a Itália”, o *front* entre Itália e império Austro-Húngaro ficou conhecido por ser uma das guerras dentro da Primeira Guerra⁴⁴.

Mesmo com os generais italianos tendo tempo para observar o conflito antes de entrarem, o período de neutralidade não deu a eles a capacidade de diminuir a mortalidade desnecessária durante as batalhas, nem buscar meios de alterarem a forma como o combate ocorreria. Assim, como nos outros campos de batalha, o *front* italiano também possuía sua mesma guerra de posições, repleta de trincheiras com o adendo de fortalezas naturais, especialmente proporcionado pelas montanhas e vales naturais da região fronteira entre as inimigas Itália e Áustria-Hungria.

Para compreendermos como os soldados voluntários atuaram na campanha italiana, foi feita uma busca na lista dos 392 nomes presentes no livro do *Cinquantenário* (2000). No entanto, devido ao grande número, bem como à ausência de informações de outros registros militares, algo que auxiliaria a mapear os soldados ítalo-brasileiros, iremos retomar a lista dos voluntários mortos, pois foi possível localizar alguns desses em documentação militar.

Na tabela que segue apresentamos informações, a posição assumida pelos voluntários (patente e função) no combate, o lugar e o motivo da morte. Com esses dados, é possível entender melhor os lugares de experiência e vivências dos soldados ítalo-brasileiros nos campos de batalha.

TABELA 3 – Voluntários ítalo-brasileiros mortos na Primeira Guerra⁴⁵

NOME	MORTE	PATENTE	LOCAL E CAUSA DA MORTE
Delfino de Marco	25/11/1915	Soldado 76º Reg. Inf.	Ferimento em combate Local: 25ª seção de saúde
Filippo Benvenuti	06/07/1916	Soldado 42º Reg. Inf. 225 Reg. Inf. (MDD IT)	Morto em combate Local: Monte Zebio
Guerino Gobbi	15/03/1916	Soldado 6º Reg. Alpini	- Disperso - Morto na prisão (MDD IT)

⁴⁴ Devido à rivalidade italiana e austro-húngara, alguns historiadores como Bertonha (2005) e Duggan (2016), ressaltam que este pode ser o motivo pelo qual os italianos não permaneceram aliados aos Impérios Centrais em 1915, declarando então guerra a estes, com o intuito de expandir seu território principalmente sobre as colônias e territórios Austro-húngaros.

⁴⁵ Assim como na TABELA 1, eu utilizei o livro do *Cinquantenário* e os bancos de dados da “*Banca Dati dei Caduti e Dispersi 1ª Guerra Mondiale*” e o projeto “*Albo dei caduti italiani della Grande Guerra*”. Além disso, foram feitas algumas abreviações e uso de siglas nesta tabela. Então, para facilitar o entendimento, indico a consulta da lista de abreviaturas e siglas no início deste trabalho.

			Local: ??
Alfredo Londero	06/10/1916	Soldado 8º Reg. Alpini	Morto em Combate Local: Monte Forame
Raffaele Zambelli	02/03/1918	Sargento 2º Reg Genio	Ferido e aprisionado por austríacos, morto no hospital militar Morto na prisão - doença (<i>MDD IT</i>) Local: Hospital militar de langensalz
Pietro Brunello	04/12/1917	Capitão 6º Reg. Alpini	Morto em combate Local: Altiplano de Asiago
Gabriele Piscitelli	10/11/1918	Soldado 3º Reg. Art. campanha 1º Reg; Art. campanha (<i>MDD IT</i>)	Comunicada morte, não oficial Morto por doença em hospital de campo (<i>MDD IT</i>) Local: Hospital de campo 083
Eugenio Curcio	05/03/1918	Soldado 219º Reg. Inf.	Morto por doença na prisão austríaca Local: ??
Luigi Martimbianco	02/07/1916	Soldado 89º Reg. Inf.	Morto na prisão austríaca Local: ??
Luigi Luchina	12/07/1916	?? ??	Morto em Combate Local: Monte San Michele
Alessandro Vacchi	26/07/1916	Soldado Telefonista da 13º Seç. Telefônica	Morto em Combate Local: ??
Giocondo Possani	06/04/1916	Soldado 32º Reg. Inf.	Morto por Pneumonia Local: Hospital de Campo 85
Ermogene Corona	??/??/??	??	Comunicado não oficial feito por terceiro, não confirmado pelo consulado Local: ??
Angelo Bracagioli	??/10/1916	?? Corpo de telegrafistas – Genio	Morto em combate durante a ofensiva de Vittorio Veneto Local: ??

Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 422 - 423), As bases de dados usadas são a *Banca Dati dei Caduti e Dispersi 1ª Guerra Mondiale* disponível em: http://www.difesa.it/Il_Ministro/CadutiInGuerra/Pagine/AlbodOro.aspx e o *Albo dei caduti italiani dela Grande Guerra* disponível em: <http://www.cadutigrande guerra.it>. Acesso em: 19/05/2020

Como vimos na tabela anterior, dos quatorze voluntários, nove atingiram apenas a patente de soldado, um atingiu a patente de Sargento, um de capitão e de dois não foi possível obter detalhes.

Outro fato percebido são as formas diversas em que estes morreram. Conforme os registros dos quatorze voluntários, seis tiveram mortes em combate, três morreram em hospitais italianos, três tiveram mortes após serem aprisionados, sendo que desses, um morreu em um hospital austríaco. Além desses, um conta como disperso⁴⁶ e apenas um teve sua morte confirmada por terceiros (neste caso, diretamente a família), informação essa não oficializada pelo consulado. No entanto, apesar de terem morrido em lugares diferentes, é certo que quase todos eles faleceram em decorrência de problemas ou ferimentos adquiridos nos campos de batalha.

Os dados mostram que as formas de morrer em uma guerra eram diversas. Além dos ferimentos, os problemas psicológicos surgidos nos soldados também os afastavam do *front*. Depois do fim da Primeira Guerra, a medicina, através de estudos, constatou a existência de algumas doenças, como “*febre das trincheiras*”, “*distúrbio de ação do coração*” ou no inglês *Shell Shock*” sendo essa, em 1980, conhecida como “*Síndrome de Soldado*”⁴⁷. Sendo assim, vamos agora conhecer por meio de microbiografias um pouco mais da história destes homens. Para isso, os separei por cidades.

3.3.1 A guerra dos voluntários de Porto Alegre

A capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, perdeu seis de seus voluntários na Primeira Guerra. Conforme os dados encontrados, a média de idade dos integrantes do grupo era 25 anos.

Delfino de Marco, o único italiano de nascimento do grupo dos 14 voluntários mortos, foi o único imigrante registrado que residia no estado: ele tinha 24 anos quando embarcou de Porto Alegre de volta à Itália, desta vez para lutar, e, provavelmente, estava entre as primeiras levas de voluntários.

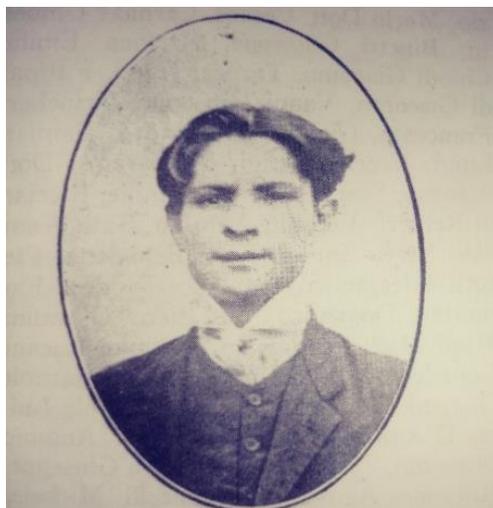
A viagem de Porto Alegre à Itália levou cerca de um mês, mais o tempo para deslocamento dentro do território italiano, alistamento, aquartelamento e três meses de treinamento militar (SANMARTIN, 1957, p. 61). O voluntário De Marco foi incorporado como soldado no 76º Regimento de Infantaria, conhecido em 1915, como

⁴⁶ O termo disperso é genérico, uma vez que era usado para soldados que acabavam se separando de seus companheiros ou desapareciam completamente durante um avanço, sem conseguir afirmar se foi morto, ferido, aprisionado ou ainda se podia ter desertado.

⁴⁷ Uma forma de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT).

76° *Fanteria di Messina*, que, após se unir a 75° *Fanteria di Siracusa*, tornou-se a *Brigata di Napoli*.

FIGURA 2 – Retrato de Delfino de Marco



Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 422)

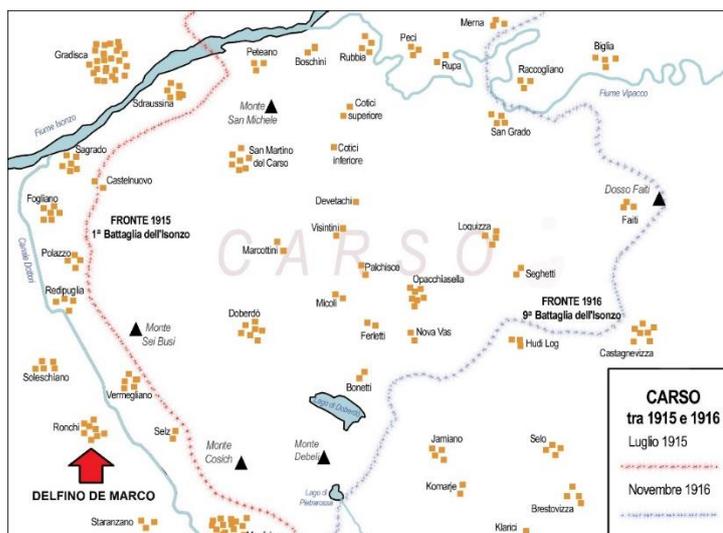
Em setembro de 1915, a Brigada de Napoli foi enviada para o Monte Sei Busi na região de Selz (próximo a Ronchi), norte da Itália. Em outubro, ela participou da terceira batalha do Isonzo contra as posições austríacas do Monti Cosich e Debeli (MINISTERO DELLA GUERRA, 1924 A 1929). Não sabemos ao certo se De Marco esteve nesta batalha, contudo, de acordo com a data de sua morte, é provável que o mesmo tenha morrido durante a quarta batalha do Isonzo.⁴⁸

Provavelmente, durante um dos confrontos entre a Brigada de Napoli e as posições austríacas no Monte Sei Busi, De Marco sofrera um ferimento frontal na cabeça, o que o levou a ser deslocado para a retaguarda italiana na altura da região de Ronchi⁴⁹. Infelizmente, seu ferimento foi grave, uma vez que morreu precocemente em 25 de novembro de 1915 (poucos dias depois de completar 25 anos), na 25ª seção de saúde (25ª Sezione di Sanità) ainda no *front* italiano, não tendo tempo de ser encaminhado para algum hospital.

⁴⁸ A quarta batalha do Isonzo ocorreu de 10 de novembro a 02 de dezembro de 1915 gerando, sozinha, mais de 11 mil perdas e mais de 80 mil baixas em ambos os lados. Com o término da batalha, os estrategistas militares italianos perceberam que o tamanho do calibre da artilharia era algo crucial durante as barragens.

⁴⁹ As batalhas em Ronchi foram duras, sendo que devido à ferocidade, toda a população civil foi realocada durante a primeira batalha do Isonzo. O lugar atualmente é conhecido como Ronchi dei Legionari, comuna da província Gorizia, região do Friuli-Venezia Giulia.

FIGURA 3 – Mapa com marcação da região onde De Marco faleceu



Fonte com mapa original disponível em: <http://www.atlantegrandeguerra.it/portfolio/le-prime-quattro-battaglie-dellisonzo/> Acesso em 25/05/2020.

Outro voluntário de Porto Alegre, Gabriele Piscitelli, diferentemente de De Marco que viveu a guerra apenas por alguns meses, pôde vivenciar a Primeira Guerra em sua totalidade. Ele chegou a saber que os austríacos haviam se rendido aos Aliados,⁵⁰ mas não que assinaram o Armistício de Villa Giusti em novembro de 1918⁵¹. Ele faleceu aos 23 anos, em 10 de Novembro de 1918, um dia antes da assinatura do Armistício que finalizaria a Primeira Guerra.

Em 1915, Gabriele Piscitelli fora incorporado como soldado do 3º Regimento de Artilharia, segundo o *Cinquantenario*. Porém, de acordo com os dados do *Ministero Della Difesa* italiano, o mencionado soldado pertencia ao 1º Regimento. A artilharia de campanha era conhecida por ser um corpo de tiro rápido no campo de batalha⁵². O soldado Piscitelli morreu em um hospital de campanha, não sendo, porém, informado o motivo da internação e a causa da morte.

⁵⁰ O exército aliado na Primeira Guerra era formado por diversos países que lutaram ou ajudaram logisticamente a causa da Tríplice Entente (Reino Unido, França e Império Russo) contra os Impérios Centrais (Império Alemão, Império Austro-húngaro e Império Otomano). Entre alguns países do eixo aliado estavam a Itália (1915), Estados Unidos (1917), Japão (1914), Portugal (1916) e também o Brasil (1917).

⁵¹ O Armistício de Villa Giusti foi assinado em 03 de Novembro de 1918 na cidade Villa Giusti, que já se encontrava desmobilizada, buscando um cessar-fogo a qualquer custo após a derrota da Batalha de Vittorio Vêneto, sendo publicamente divulgado em 05 de Novembro, já com as tropas rendidas ainda no dia da sua assinatura.

⁵² O exército italiano dividia os regimentos de artilharia de diversas formas (artilharia de costa, de fortaleza, a cavalo, de montanha e pesada).

Um terceiro voluntário, Alessandro Vacchi, também nasceu em Porto Alegre. Sendo incorporado a 13ª seção de telefônica, mas não foi possível encontrar a qual regimento pertencia. Não conseguimos descobrir qual era a idade de Vacchi, sendo possível apurar apenas a data de seu falecimento, em 26 de julho de 1916. Também não havia informações sobre qual batalha esteve presente.

Ressaltamos aqui que as informações fornecidas pelos soldados eram importantes para definir qual função ocupariam no exército. Ser letrado, ter treinamento militar anterior e o emprego que exercia em sua vida civil, todos esses aspectos eram levados em conta no alistamento. Isso fica evidenciado na narrativa apresentada pelo “soldado anônimo” que Franzina (2016) mostra em seu livro intitulado *A história (quase verdadeira) do soldado desconhecido: Contada como uma autobiografia*. A seção de soldado telefonista, na qual Vacchi serviu, era de bom prestígio, pois esta pertencia aos grupos *Genio*, uma divisão de soldados italianos que lidavam com serviços de observação, transmissão e engenharia militar durante a Primeira Guerra.

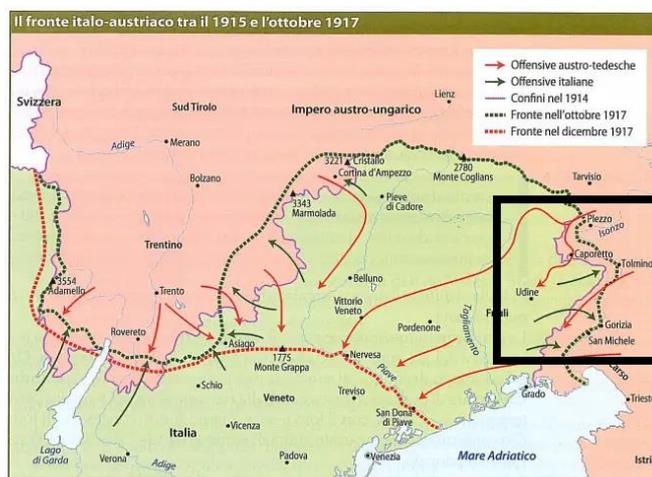
O quarto voluntário ítalo-brasileiro a ser apresentado é Giocondo Possani, também nascido em Porto Alegre. Tanto quanto Vacchi, o mencionado soldado também não teve registrada a sua data de nascimento. Possani foi alocado no 32º Regimento de Infantaria, que junto com a 31ª divisão, formavam a *Brigata di Siena*. Seguindo a mesma linha da Brigada de Nápoli, a *Brigata di Siena* participou das três primeiras batalhas de Isonzo em 1915. Em novembro desse mesmo ano foram realocados para comuna de Palmanova, passando posteriormente para a reserva da 15ª Divisão, que passou a defender ativamente posições na região de Vêneto, próximas a comuna de Feltre (MINISTERO DELLA GUERRA, 1924 -1929). Durante esse período, o soldado Giocondo Possani adquiriu Pneumonia, falecendo em 06 de Abril de 1916, no Hospital de Campo n. 85.

Nosso quinto voluntário italiano foi Eugenio Curcio, o mais velho dos veteranos porto-alegrenses a morrer no *front* durante a Primeira Guerra (conforme a lista escolhida). O mesmo tinha 24 ou 25 anos no momento em que resolveu embarcar para a Itália. Nascido na capital gaúcha em 1890, ele foi provavelmente alocado no 219º Regimento de Infantaria em março de 1916. Morreu em uma das prisões austríacas em 05 de março de 1918, porém, não foi possível descobrir o motivo da enfermidade que provocou a morte de Curcio.

A *Brigata di Sele* entrou em serviço em 1916 e foi dissolvida em 22 de Novembro de 1917, sendo uma das diversas brigadas que sofreram pesadas baixas na Batalha de Caporetto. Essa é conhecida como a décima segunda batalha do Isonzo, que ocorreu de 24 de outubro a 09 de novembro de 1917 (MINISTERO DELLA GUERRA, 1924 - 1929).

Neste conflito, o exército Austro-Húngaro recebeu do Império Alemão auxílio de seis divisões, bem treinadas, equipadas e descansadas, que fizeram uma intensa investida contra as defesas italianas em Caporetto (atual Kobarid na Eslovênia). As forças de defesa italianas, depois de um desgaste na região do Isonzo, começaram a colapsar, e, em 02 de novembro de 1917, Luigi Cadorna (então comandante do exército italiano) ordenou a retirada das tropas italianas, que já estavam abandonando suas posições por conta própria. Tendo quase 100 km de território invadido em nove dias e com tropas centrais chegando próximo a Veneza, a batalha de Caporetto foi considerada a maior derrota italiana na Primeira guerra⁵³. Dos mais de 600 mil soldados que defendiam a região, 265 mil foram feitos de prisioneiros e outros milhares foram mortos e feridos (HOWARD, 2011, p. 112).

FIGURA 4 – Batalha de Caporetto 1917



No mapa é possível visualizar o front italo-austriaco entre o período de 1915 a 1917, na região norte da península itálica. O quadro na parte nordeste da Itália indica o local da Batalha de Caporetto⁵⁴. Fonte: <https://nowxhere.wordpress.com/2016/02/05/la-prima-guerra-mondiale-in-mappe/> Acesso em 25/05/2020

⁵³ Bertonha (2005, p. 165) ressalta que, após esse desastre, o general Cadorna foi substituído pelo general Armando Diaz, que reorganizou o que sobrou do exército italiano e impediu maiores avanços inimigos.

⁵⁴ A batalha de Caporetto significou uma das maiores derrotas italianas na Primeira Guerra, sendo considerada por alguns historiadores como Ferguson (1998) e Isnenghi (1995), como um dos motivos pela desconsideração aliada com o esforço de guerra italiano durante o conflito. Mesmo após a

Conforme o mapa acima é possível ver de onde surgiu o ataque e qual distância a tropa que Curcio fazia parte tivera que percorrer para se retirar. Existe a possibilidade de que durante essa retirada o soldado ítalo-brasileiro tenha sido feito prisioneiro junto a outros membros da sua unidade. De toda a Brigada de Sele (219º e 220º), apenas 800 homens conseguiram retirar-se em segurança e compor novamente as linhas de defesa no Piave, no dia 02 de Novembro de 1917⁵⁵.

Por fim, nosso último ítalo-brasileiro é Ermogene Corona. Também nascido em Porto Alegre, infelizmente para os objetivos deste trabalho, sobre esse soldado pouco se sabe. A morte do mesmo foi confirmada por terceiros, não conseguindo o consulado atestar as informações passadas. Não há quase nenhum dado sobre Corona, como idade, data de nascimento, morte e registro militar, sendo seu paradeiro na guerra um dos grandes pontos de interrogação.

3.3.2 A guerra dos voluntários de Caxias do Sul

Dê Caxias do Sul tivemos dois voluntários que perderam suas vidas na Primeira Guerra. O primeiro deles foi Angelo Bracagioli. Esse, possivelmente possuía entre 22 e 23 anos quando decidiu partir para lutar na Europa. O mesmo foi incorporado a uma das seções de Telegrafistas, como havia explicado anteriormente, essa divisão era um dos corpos que compunham os grupos *Genios*⁵⁶.

É provável que a foto tenha sido tirada quando Angelo Bracagioli se encontrava na Itália, uma vez que está vestido com roupas e chapéu militar. Certamente havia sido feita pouco depois de ele ter chegado à Itália e ter seu registro militar concluído, tendo talvez expedido essa lembrança para os familiares que se encontravam no

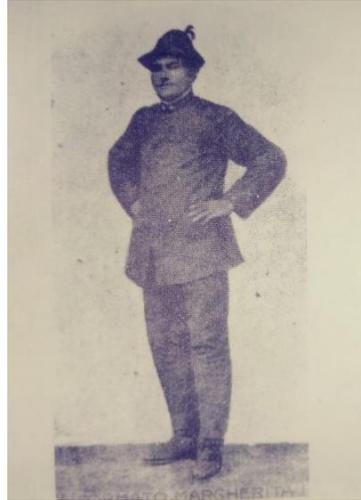
reestruturação do exército e a vitória contra as tropas Austro-húngaras em 1918, um grande grupo de italianos passou a considerar a vitória final da guerra como uma “Vitória Mutilada”, isso devido a França, Estados Unidos e Reino Unido não considerarem o Reino da Itália como igual na partilha das colônias e territórios pretendidos pelos italianos no fim da guerra, o que posteriormente reforçou ainda o discurso fascista de Mussolini contra os antigos Aliados.

⁵⁵ Conforme o documento oficial sobre Brigata Sele feito pelo MDD IT, entre 24 de outubro a 03 de novembro de 1917, 782 homens passaram a constar como Dispersos, sendo que destes 308 pertenciam a 219 Reg. do qual Curcio fazia parte.

⁵⁶ Conforme o MINISTERO DELLA DIFESA, entre 1915 e 1918 os grupos Genio compreendiam as diversas unidades com as mais variadas especialidades, dentre elas: escavadores e Engenharia (zappatori – Minatori - pontieri), ferroviários (ferrovieri), especialidades fluviais (guide fluviali – lagunari), bombeiros (pompieri), encandores (idraulici), operadores e motoristas (manovratori - motoristi), especialistas em Lança- chamas e Lança-Gás (lanciafiamme – lanciagas), comunicação (radiotelegrafisti - colombaie fisse e mobili – teleferisti – telegrafisti) entre outras.

Brasil. Não consegui precisar em qual regimento Bracagioli estava inserido, mas, conforme seu uniforme, ele pode ter pertencido às tropas alpinas. Consta que o mesmo foi morto em combate durante a ofensiva de *Vittorio Veneto*.

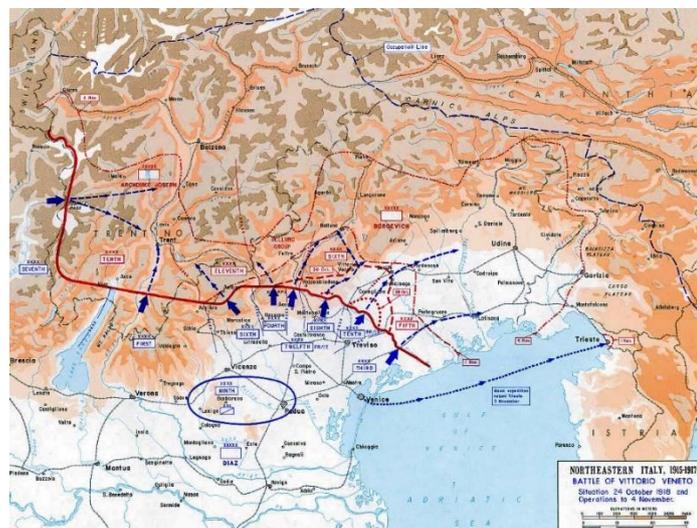
FIGURA 5 – Angelo Bracagioli



Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 423)

A Batalha de *Vittorio Veneto* foi uma resposta italiana à Batalha de Caporretto, que, como vimos no item 3.3.1 *A guerra dos voluntários de Porto Alegre*, levou à prisão de Eugenio Curcio. Foi nesta última grande ofensiva da Entente que esta venceu definitivamente as tropas do império Austro-Húngaro em 1918.

FIGURA 6 – Mapa da batalha de Vittorio Veneto



Fonte: <https://cutt.ly/byJWoHu>. Acesso em 26/05/2020

A batalha ocorreu em 24 de outubro de 1918, exatamente um ano após o início da ofensiva austro-húngara em Caporetto (24 de outubro de 1917), contando com o auxílio de tropas da Entente (França, Reino Unido e Estados Unidos). Esta batalha ficou marcada pela grande mobilização de soldados, uma vez que somando os dois exércitos, foram mais de 2,7 milhões de homens lutando por 11 dias. O saldo negativo que a batalha deixou foram mais de 35 mil soldados mortos, feridos ou dispersos do lado da Entente, contra cerca de 90 mil soldados mortos e feridos, junto aos mais de 400 mil aprisionados no lado austro-húngaro (CAVALLARO, 2010, Vol. III). Foi num dos 11 dias de batalha que Bracagioli perdeu a vida.

O segundo voluntário caxiense é Raffaele Enrico Zambelli⁵⁷, filho de Tarquinio Zambelli, um escultor e decorador italiano que imigrou para Caxias do Sul, ainda no século XIX. Tarquinio é considerado um dos mais proeminentes escultores sacros do Rio Grande do Sul. Seguindo o modo de vida do pai, Tarquinio trabalhava em madeira, e inspirou seus filhos a seguirem no ramo da arte e decoração (ZAMBELLI, 1986, p. 23). Abaixo, em foto da família Zambelli, é possível ver Raffaele ainda criança.

FIGURA 7 – Família Zambelli



Família Zambelli, em pé da esquerda para a direita: Tarquinio, Annunzia (filha), Mario (filho) e Rosa. Sentados na mesma direção: Estácio e Raffaele. Fonte: (Zambelli apud LAZARRI 2013)

Quando irrompeu a guerra em 1915, Raffaele estava no Rio de Janeiro estudando arte industrial. Foi ali que decidiu interromper os estudos e alistar-se no exército italiano (ZAMBELLI, 1986, p. 25). O mesmo possuía 17 anos quando partiu para a Itália, uma vez que havia nascido em 15 de março 1898.

⁵⁷ Conforme Natali Cristina Lazzari (2013), o segundo nome de Raffaele Zambelli seria Enrico.

Assim como o outro voluntário de Caxias do Sul, Zambelli também foi destacado para um regimento *Genio*. Ele fez parte do 2º Regimento *Genio Guastatori Alpini*. Esse grupo era composto por extensas e diversificadas linhas de soldados, com suas mais variadas funções e especialidades.

Não foi possível saber ao certo qual a especialidade de Zambelli no corpo do regimento, contudo, os registros demonstram que ele ascendeu para a posição de Sargento por méritos de guerra. As vestimentas da foto indicam para uma posição de maior poder e prestígio, diferentemente do colega ítalo-brasileiro Angelo Bracagioli, apesar de fazer parte do regimento *Alpini*.

O regimento de Zambelli esteve ativo desde a entrada na guerra até o encerramento. Era composto por veteranos da Guerra Ítalo-Turca de 1911 a 1912. Com a declaração de guerra aos Austro-húngaros, eles foram destacados para as regiões montanhosas e pré-alpinas, por isso sua denominação *Alpini*.

FIGURA 8 – Raffaele Zambelli



Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 423)

De acordo com os dados⁵⁸ recolhidos é possível conjecturar que Zambelli tenha sido feito prisioneiro após ter sofrido um ferimento em 1917. Neste ano, as tropas italianas sofreram grandes perdas de homens, principalmente com a ofensiva de Caporetto. Não é possível saber em qual momento Zambelli foi preso, sabemos apenas que ele faleceu em 02 de março de 1918, no hospital militar de Langensalz (Alemanha).

⁵⁸ *Cinquantenario e MDD IT.*

Em Langensalz existia um campo de prisioneiros de guerra, que poderia comportar mais de 20 mil prisioneiros. O mesmo teve as atividades encerradas apenas em 1919, com a liberação dos seus últimos prisioneiros.

No campo de Langesalz, conforme relatos e diários de prisioneiros britânicos⁵⁹ publicados no site Scotland War⁶⁰ - mantido pela Universidade de Edinburgh - diversos soldados aprisionados foram enviados para trabalhar forçadamente em minas de sal alemãs⁶¹. Durante o período de cárcere, muitos foram vitimados por doenças como Tifo e outros foram executados. Um caso se tornou escândalo público logo no pós-guerra, quando um grupo de soldados alemães atirou e matou 16 prisioneiros, ferindo outros 30, após uma confusão entre prisioneiros e guardas, no dia 27 de novembro de 1918, passados apenas 16 dias da assinatura do armistício⁶².

3.3.3 A guerra do voluntário de Santa Maria

A cidade de Santa Maria também teve um de seus voluntários mortos. Luigi Luchina, residente havia três anos na cidade, foi estimulado pela mãe para combater pela pátria. Conforme Ruggiero (2015), ele morreu em decorrência de gás asfixiante no dia 02 de julho de 1916, no Monte Cappuccio. Conforme o autor, ele lutou com “grande coragem e honra no Monte S. Michele e S. Martino. É provável que ele tenha presenciado o primeiro ataque a gás no *front* italiano”⁶³.

3.3.4 A guerra do voluntário de Bento Gonçalves

Do município de Bento Gonçalves, voluntariou-se Luigi Martimbianco. Sabemos apenas que integrou como soldado o 89º Regimento de Infantaria.⁶⁴ Em

⁵⁹ Ver diário transcrito de Charles Orr, prisioneiro de guerra no campo de Langensalz. (SCOTLAND WAR, 2014).

⁶⁰ Site citado: <<http://www.scotlandswar.ed.ac.uk>> acessado 15/05/2020

⁶¹ Documento que traz relatos de soldados britânicos sobre as condições do campo de prisioneiros de Langensalz. Disponível em: http://www.scotlandswar.co.uk/pdf_Langensalza_POW_Camp.pdf. Acessado em 15/05/2020.

⁶² Incidente relatado no livro Tracing Your Prisoner of War Ancestors: The First World War de Sarah Paterson (2012)

⁶³ O ataque do dia 29 de junho de 1916 fez uso de gás asfixiante; em sua mistura estavam Fosgênio e Cloro, contudo as tropas italianas conseguiram defender suas posições.

⁶⁴ Assim como outros regimentos, este regimento em conjunto com o 90º Reg. formava a Brigada de Salerno (MINISTERO DELLA GUERRA, 1924 - 1929).

maio de 1916, Martimbianco fazia parte da Brigada de Salerno. Naquele mesmo mês a brigada sofreu gigantescas baixas durante a Batalha do Altiplano de Asiago.

FIGURA 9 – Luigi Martimbianco



Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 423)

Mais de 4 mil homens foram mortos, feridos e dispersos, o que forçou o restante a recuar. Em 30 de junho retornaram para o *front* com a missão de tentar reconquistar as posições perdidas de M. Interroto⁶⁵. Sem sucesso e com perdas significativas, a operação foi interrompida e as tropas da brigada foram enviadas para um descanso prolongado novamente, retornando apenas em agosto de 1916.

Martimbianco sobreviveu à grande batalha do Altiplano, ocorrida em 02 de julho. Porém, antes da ordem de retirada, ele foi uma das baixas que se somaram aos mais de 2.800 homens naquele curto espaço de tempo. Ele foi declarado morto na prisão inimiga.

3.3.5 A guerra dos voluntários de Garibaldi

Em 1915, partiram para a Itália dois voluntários da cidade de Garibaldi. Ambos passaram a combater no mesmo regimento, morreram em campos de batalha italiano

⁶⁵ Neste local estava localizado um dos Fortes de defesa italiano, que fora perdido para os austríacos em maio de 1916. Devido à sua importância estratégica na região, ainda no século XIX, foi criada essa fortificação devido a um corredor geográfico (vale) presente naquela região. Este forte seria reconquistado em 1918 por um dos batalhões britânicos e franceses que apoiava as forças italianas durante a Batalha de Vittorio Veneto (CAVALLARO, 2010, Vol. III).

durante o período da Primeira Guerra. O caso desses dois voluntários ítalo-brasileiros permite perceber que alguns soldados que possuíam vínculos de amizade, e haviam partido de uma mesma localidade do Brasil, podiam ser incorporados como soldados em um mesmo regimento. Essa questão pode ser também confirmada através dos relatos dos voluntários britânicos e franceses que formavam unidades ou regimentos inteiros vindos de uma determinada vila, cidade ou região⁶⁶.

Guerino Gobbi, então soldado do 6º Regimento Alpini, nascera em 13 de fevereiro de 1896. Quando embarcou para a Itália estava com 19 anos de idade. Não sabe-se ao certo o que ele informou em seu recrutamento ou como este se destacou em seu treinamento, mas, conforme salientam sites especializados em assuntos militares voltados ao exército italiano (como a *Associazione Nazionale Alpini*⁶⁷) ou sites relacionados à Primeira Guerra, que são mantidos por Museus especializados e Universidades italianas, (como o *Itinerari della Grande Guerra*⁶⁸), para ser incorporado às forças alpinas, o indivíduo deveria ter vivido ou nascido em regiões montanhosas, demonstrando também aptidão em deslocamentos neste tipo de local e capacidade de suportar as rigorosas temperaturas do inverno.

FIGURA 10 – Pietro Brunello



Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 423)

Essas informações coincidem com os dados apresentados por Englund (2014) sobre o soldado alpino *Paolo Monell*, “sendo filho único, ele tinha o direito de ser

⁶⁶ Ver os relatos presentes em Englund (2014) e Arthur (2011).

⁶⁷ Site citado disponível em <<https://www.ana.it/>> Acessado em 27/05/2020.

⁶⁸ O presente site citado tem envolvimento com o *Civici Musei di Storia e Arte di Trieste, Fondazione Museo Storico del Trentino, Museo Storico italiano della Guerra di Rovereto e o Museo Civico del Risorgimento di Bologna*. Disponível em <<http://www.itinerarigrandeguerra.it/>> Acessado em 27/05/2020

dispensado do serviço militar. Ele evitou tirar vantagem dessa prerrogativa e, graças à sua experiência em montanhismo, foi selecionado para fazer parte dos Alpini, os caçadores dos Alpes”.

Em 15 de maio de 1916, no primeiro dia da ofensiva austro-húngara que ficou conhecida como Batalha do Altiplano de Asiago (24 de maio a 27 de Junho de 1916), Gobbi foi um dos homens que acabaram aprisionados pelos austro-húngaros⁶⁹. Conforme os registros do MDD IT, ele faleceu na prisão por conta de uma doença.

Ainda no mesmo regimento, estava Pietro Brunello outro voluntário nascido em Garibaldi, que tinha entre 23 ou 24 anos quando decidiu partir para a Itália⁷⁰. Diferente de seu conterrâneo Gobbi, o soldado Brunello chegou à posição de capitão no 6º Regimento Alpini. O mesmo sobreviveu à batalha de Maio de 1916, assim como em todas as outras que se sucederam nas regiões alpinas até dezembro de 1917. No dia 04 de dezembro de 1917, quando então o capitão Brunello e seus homens buscavam reestruturar suas defesas, ele foi ferido e morto em combate na região do Altiplano de Asiago.

3.3.6 A guerra do voluntário de Silveira Martins

Da localidade de Silveira Martins, voluntariou-se Alfredo Londero, além do já citado e sobrevivente da guerra Olyntho SanMartin. Contudo, Londero não teve a mesma sorte que seu conterrâneo. Voluntariou-se aos 21 anos e ingressou no 8º Regimento Alpini⁷¹ após o período de treinamento na Itália. Combateu as forças austríacas até 06 de outubro de 1916, quando então veio a ser morto em um confronto no Monte Forame.

⁶⁹ Conforme Pieropan (1979) nesta batalha são registradas mais de 140 mil baixas, sendo que mais de 50 mil destas são consideradas dispersas.

⁷⁰ Existe aqui uma diferença considerável nos registros de nascimento, que fazem com que sua idade ao embarcar possa variar em um ano. Conforme o *Cinquantenario* (2000), ele nascera em 12 de dezembro de 1893, mas, conforme os bancos de dados do MDD IT, ele teria nascido em 18 de janeiro de 1893.

⁷¹ O 8º Regimento Alpini participou de diversas batalhas nas regiões dos alpes (Julianos e Cárnicos), entre 1915 e 1916. As batalhas foram extremamente danosas aos regimentos desta classe de infantaria, fazendo-os serem dissolvidos até a chegada de novos recrutas em alguns casos. Muitas dessas mortes foram decorrentes dos avanços italianos e austríacos durante a guerra, mas também o terreno que estes homens estavam entrincheirados, em péssimas condições e muito expostos, aumentavam a mortalidade. Esse campo de batalha enfrentado pelos soldados italianos ficou conhecido por muitos sobreviventes como a Guerra Branca. O 8º Reg. Alpino foi dissolvido em novembro de 1917, assim como muitos outros dos regimentos italianos, pois como já foi apresentado a maioria deles perdeu muitos homens em decorrência da Batalha de Caporetto (MINISTERO DELLA GUERRA, 1924 - 1929).

3.3.7 A guerra do voluntário de São Leopoldo

Por fim, nosso último voluntário é Filippo Benvenuti, nascido em São Leopoldo. O mesmo embarcou para a Itália com 18 ou 19 anos de idade⁷², não sobrevivendo por muito tempo na guerra.

Dos voluntários analisados no presente trabalho, Benvenuti é o mais jovem, e teve a sua vida interrompida na Primeira Guerra. Assim como Piscitelli, os registros militares de Benvenuti possuem incongruências. De acordo com informações do livro do *Cinquantenario* (2000), ele foi destacado para o 42º Regimento de Infantaria, mas conforme o MDD IT, ele pertencia ao 225º Regimento Infantaria. Se a informação do *Cinquantenario* (2000) é correta, Benvenuti pertencia a Brigada Modena, que em meados de maio e junho de 1916 estava envolvida nas defesas da região de Vicenza, durante a Batalha do Altiplano de Asiago.

FIGURA 11 – Filippo Benvenuti



Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 422)

Em 25 de Junho de 1916, a Brigada Modena⁷³ impediu o avanço das tropas austro-húngaras e lançou uma contraofensiva sobre as posições inimigas forçando-as a uma retirada. Este ataque custou cerca de 1.300 vidas, contudo, conseguiram

⁷² Essa diferenciação sobre sua idade no embarque se dá devido ao fato de ele ter nascido em 03 de setembro de 1896.

⁷³ Para compor a *Brigata di Modena* foram unidos os batalhões da 41º e 42º *Reggimentos Fanteria*. (MINISTERO DELLA GUERRA, 1924 - 1929).

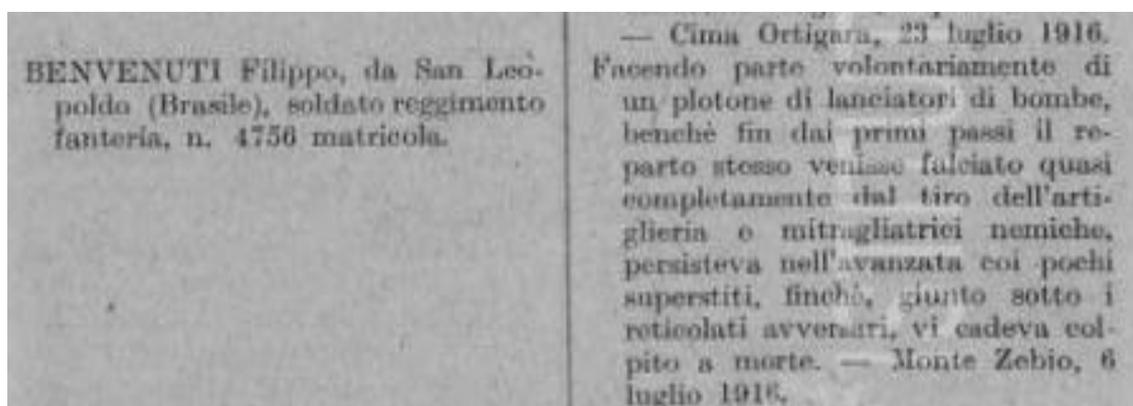
ocupar a margem direita da região de Val d'Assa, criando pontos de observação que foram mantidos sob controle até o mês de agosto (MINISTERO DELLA GUERRA, 1924 - 1929).

Todavia, neste ponto as informações do *Cinquantenario* (2000) mostram uma inconsistência, pois, conforme esta fonte, Benvenuti teria morrido no dia 06 de julho de 1916, período em que as posições de Val D'Assa estavam seguras. Diferente era a situação no Monte Zébio, que na mesma data estava registrando grandes combates. Benvenuti recebeu uma condecoração por Bravura (Medalha de Bronze) nos conflitos desta região, ou seja, uma posição de batalha a quilômetros da sua primeira unidade registrada no livro.

Durante a Primeira Guerra, diversas unidades eram agrupadas, reagrupadas e dissolvidas. Isso se dava devido às percas ou novas necessidades de grupamentos de recrutas. Possivelmente, em um primeiro momento, Benvenuti tenha pertencido ao 42º Regimento, e posteriormente passou a fazer parte da Brigada Arezzo (*Brigata Arezzo*).

Essa brigada foi formada por diversos homens que compunham outras unidades de infantaria, já amplamente atingidas pelas batalhas anteriores, sendo então agregados soldados da 7º, 22º, 42º (unidade original de Benvenuti), 70º, 77º, 83º e 84º regimentos da infantaria. Eles partiram ao *front* no final do mês de maio de 1916, na zona da Cittadella-Fontaniva, com o intuito de recuperar diversas posições de defesa italianas que haviam sido perdidas para os austríacos. Travando duras batalhas, a Brigada Arezzo teve cerca de 700 baixas.

FIGURA 12 – Recomendação para condecoração de Filippo Benvenuti



Fonte: <http://decorativalormilitare.istitutonastroazzurro.org/#> Acessado em 27/05/2020

Conforme o relato de seu superior, que indicou uma condecoração para Benvenuti, os registros militares do documento da Brigada Arezzo (MINISTERO DELLA GUERRA 1924-1929), do dia 06 de julho de 1916, anotava que Benvenuti tinha 19 anos de idade quando voluntariou-se para fazer parte de um pelotão de lançadores de bombas (Granadas de mão). Quando seu pelotão partiu para fora das trincheiras fora atingido fortemente pela artilharia e metralhadoras inimigas, restando poucos homens que continuaram avançando. Neste avanço é que Benvenuti e muitos de seus companheiros foram alvejados, vindo a falecerem. As investidas para conquistar posições inimigas no Monte Zebio duraram de julho até setembro de 1916, custando mais de 2.000 mortes na Brigada Arezzo.

Como vemos abaixo, além de ser um dos únicos a receber uma condecoração, Benvenuti também recebeu um monumento em sua memória, que se encontra localizado em Via Chiesa, na comuna De Lucca, local de onde Celestino Benvenuti, o pai do soldado ítalo-brasileiro, teria imigrado. Os dizeres no monumento destacam que “o primeiro entre sentimentos é o Amor à pátria”. Foi como heróis e jovens que cultivaram o mencionado sentimento que os soldados mortos na Primeira Guerra, entre eles o ítalo-brasileiro Benvenuti, devem ser lembrados, de acordo com a placa no monumento que evoca a memória dos soldados.

FIGURA 13 – Monumento a Benvenuti e outros mortos na guerra



Fonte: http://www.14-18.it/lapide/S128_S121_S61_S04_S238_S122_rev/236/01?search=37a6259cc0c1dae299a7866489dff0bd&searchPos=1 Acessado em 27/05/2020.

Conforme consta nos registros da Superintendência de Belas Artes e Paisagens para as províncias de Lucca e Massa Carrara (tradução própria)⁷⁴, o monumento em Via Chiese, na cidade de Montefegatesi, foi inaugurado em 1926, como um trabalho dedicado aos sete soldados contrerrâneos que haviam partido da comuna de Lucca. O trabalho artístico está localizado na fachada exterior da Igreja⁷⁵.

É necessário ressaltar que, em alguns casos, se torna difícil saber se estamos observando os registros militares de um dos soldados ítalo-brasileiros listados no *Cinquantesario* (2000). Isso porque quando um recruta do exterior se alistava no exército real italiano, ele passava por um processo de repatriação. Esse processo acabava por mascarar a origem brasileira destes homens, uma vez que agora as informações militares indicavam que eles teriam nascido na região e cidade da qual seus pais ou familiares migraram.

Pode-se especular que, ao saberem disso, alguns homens tenham entrado na guerra com o intuito de receber essa repatriação, ganhando, então, o direito de permanecer na Itália após a guerra, tornando-se, assim, novamente cidadãos italianos.

⁷⁴ (Nome Original) *Soprintendenza Belle arti e paesaggio per le province di Lucca e Massa Carrara*.

⁷⁵ Infelizmente, o site que catalogou este monumento (<https://www.14-18.it>) não especificou em qual das igrejas está localizado o mesmo. Com base na arquidiocese de Lucca, os dois possíveis locais podem ser a Parrocchia di Ponte a Serraglio ou a Chiesa del Ss. Cocifisso, ambas localizadas na mesma cidade de Montefegatesi.

4. 1915 A 1918

Neste capítulo final, irei voltar o foco do trabalho para as comunidades de imigrantes italianos no Brasil, com foco direcionado para o Rio Grande do Sul. Contudo, seguiremos dois caminhos: primeiro, apresentando como a guerra alterou o cotidiano social no Estado; o segundo foco, quais os principais movimentos podem ser destacados no período.

Para isso, este capítulo foi pensado em duas partes: a primeira (*4.1 Repercussões locais de uma guerra distante*), iremos ver como a guerra afetou o Estado do Rio Grande do Sul e brevemente o Brasil, uma vez que ambos possuíam forte ligação de alinhamento com o ideário positivista na forma de governar durante os anos de 1914 a 1918. Na segunda parte (*4.2 A ajuda vem de longe*), irei contextualizar como os italianos e simpatizantes da causa italiana ajudaram o Reino durante a Primeira Guerra. Para conceber este capítulo farei uso de recortes de jornais e outras bibliografias já citadas.

4.1 REPERCUSSÕES LOCAIS DE UMA GUERRA DISTANTE

Como dito anteriormente, quando o conflito foi deflagrado na Europa em 1914, centenas de homens partiram de todos os lugares do mundo para defender a pátria na qual eles acreditavam pertencer. O movimento que aconteceu com os italianos apenas em 1915, já acontecia cerca de um ano antes entre voluntários franceses, britânicos, alemães e austro-húngaros.

Quando o Reino da Itália declarou guerra primeiramente ao império vizinho (Áustria-Hungria), o movimento de partida de voluntários se iniciou em consulados italianos de todo o mundo. Neste momento os países de onde estes voluntários partiam, incluindo o Brasil, já sentiam os efeitos do conflito Europeu.

Ao longo dos quatro anos de conflito e posteriormente após o armistício em 1918, os efeitos da guerra ainda seriam sentidos em todo mundo, desencadeando inclusive a Crise de 1929⁷⁶ e consecutivamente a Segunda Guerra.

⁷⁶ A crise de 1929 foi um evento desencadeado por uma grande depressão econômica que teve início nos Estados Unidos da América em 1929, e veio a ser encerrado apenas com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945). Considerada por Hobsbawm (1994) como a maior crise do sistema capitalista até

Com a Primeira Guerra, o Brasil teve um aumento significativo na sua industrialização, principalmente na região de São Paulo, onde indústrias de pequeno porte surgiram. Estes pequenos empreendimentos tinham uma produção focada principalmente em máquinas e equipamentos industriais, que visavam reaproveitar em sua grande maioria materiais oriundos de ferro velho, uma vez que o Brasil ainda não possuía grandes siderúrgicas e ainda era dependente da importação de produtos do gênero (DEAN, 1976, p 100-101).

No Rio Grande do Sul, a industrialização seguia de forma mais lenta que em São Paulo, mas ainda assim prosperava, principalmente nas regiões coloniais, onde também começavam a crescer novas indústrias agrícolas que se tornaram marcos identitários de cada região, como o vinho nas regiões colonizadas pelos italianos (KUHNS, 2011, p. 108).

Quando a guerra teve início em junho de 1914, o governo brasileiro estava a cargo do presidente Marechal Hermes da Fonseca⁷⁷ e seu vice-presidente já eleito como sucessor, Venceslau Brás, que viria a assumir plenamente o governo nacional em novembro do mesmo ano. O Rio Grande do Sul era regido pelo então governador Borges de Medeiros, que assim como o presidente e vice-presidente tinham um governo de caráter positivista e centralizado.

Conforme Fábio Kuhn (2011, p. 105), o governo borgista aplicou dois pilares centrais em sua existência: a repressão de opositores com uso de forças militares (Exército e Brigada Militar), e a prática do consenso, com a realização de alianças em diversos setores sociais (comércio, indústria, média burguesia urbana).

Borges de Medeiros consolidou, principalmente em seu segundo mandato (1913 a 1928), o poder republicano de seu partido político (PRR – Partido Republicano Rio-Grandense), muito alinhado com o governo de Hermes da Fonseca.

A prática de consenso, da qual Borges de Medeiros fez uso, gerou bons frutos para a infraestrutura do estado, registrando-se a abertura de diversas estradas que

então, este evento se deu quando ações na bolsa de valores de Nova Iorque tiveram sucessivas quedas, gerando perdas gigantes de dinheiro para diversos acionistas, o que deflagrou uma deflação dentro dos Estados Unidos e, por conseguinte, a quebra de indústrias e um crescimento nos níveis de desemprego. Essa crise afetou muitos países no mundo, principalmente os mais industrializados que já haviam sido afetados pela Primeira Guerra. (KARNAL, 2007, p. 205-206).

⁷⁷ O Marechal Hermes da Fonseca, durante o governo de Afonso Pena (1906 a 1909), ocupou o cargo de Ministro da Guerra. Enviou diversos oficiais para treinarem nas academias militares do Império Alemão. Ainda sob sua gestão ministerial e posteriormente presidencial, reformou as forças armadas e instituiu o serviço militar obrigatório entre jovens, o que só veio a ser oficializado e exigido em 1964, no período da Ditadura Militar brasileira. (ABREU, 2015)

interligavam regiões importantes para o desenvolvimento estadual, como a norte e nordeste, além de expandir as linhas férreas que ajudavam a escoar parte dos produtos prontos para exportação.

Conforme os relatórios presidenciais do estado, enviados pelo governador Borges de Medeiros à Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul em setembro de 1914, o governo promovia a rescisão do contrato que obrigava o governo borgista a receber, localizar e dar assistência inicial a novos imigrantes europeus vindos para colonizar e povoar o estado. Conforme o governador a motivação disto era:

Houve extraordinário aumento de despesa, ocasionado por esse serviço federal, sem, todavia, trazer vantagens compensadoras nem aumento proporcional da produção, em consequência da inaptidão aos trabalhos agrícolas da maioria dos imigrantes aliciados, sem cuidado, nos centros urbanos europeus. Acresce que o estado não deve introduzir grandes levas imigratórias quando necessita regular o movimento migratório do excesso das populações coloniais em rápido crescimento (RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1914, p 23)

Esse relatório coincidia com os primeiros meses da guerra, no qual o estado começava a sentir os primeiros impactos em bens importados, como vemos nesse anúncio feito no jornal *A Federação* de 08 de outubro de 1914, publicado em anúncio da loja *A Alliança*, que possuía sua filial na cidade Porto Alegre.

FIGURA 14 – Propaganda no jornal *A Federação*

A ALLIANCA
 = Joalheria, Relojoaria, Optica e Novidades =
CAMBIO DE 15

Toda a nossa Colossal existencia acha-se calculada e marcada ao Cambio de 15 e continuamos a vender pelos mesmos preços á excepção só da lampada **Osrám**. Para não prejudicar as casas especialistas do genero vendemos a 2\$000 até 32 velas. Com grande felicidade recebemos todos os nossos pedidos da Europa e America antes do começo da Guerra, assim que nos encontramos com um stok Colosso de joias, relógios, brilhantes, metaes, prutas, pendulas, despertadores, objectos de couro, grammophones, discos, agulhas, molas, despertadores, chicotes, quadros, estojos, binoculos, oculos, pince-nez, relógios para autos, niveis stereoscopos, vistas, lampadas, **Osrám** estojos de desenho, lunetas, monoculos pantographos & & Bronzes figuras alegoricas, bellezas da arte Europeia! Ver nossas vitrines, tudo com preços marcados, grandes novidades. «E' impossivel em annuncio se discriminar toda a nossa existencia, precisa o respeitavel publico vir ver propriamente os nossos depositos.»

Fonte: *A Federação* de 08 de outubro de 1914, acessado na Hemeroteca Digital Brasileira em 15/04/2020

Esta loja havia recebido seus pedidos da Europa e América antes do começo da guerra, o que garantia os preços dos produtos que poderiam ser adquiridos. A exceção apontada na propaganda são as lâmpadas *Osram*, que no período vinham de uma fábrica na Alemanha⁷⁸.

Ao longo dos quatro anos de guerra as exportações foram caindo anualmente, e cidades como as de origem italiana (Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi) tiveram seus bens de produção, como o vinho, impactados. Além disso, o vinho iria sofrer ainda mais com uma decisão de Venceslau Brás, que taxou fortemente os vinhos nacionais e isentou os importados, o que gerou perdas e diversas manifestações em jornais da serra gaúcha durante o período⁷⁹.

Para ver o tamanho do impacto da guerra nos mercados do Rio Grande do Sul, basta vermos a quantidade de toneladas/quilos em mercadorias que o estado enviou para o mercado Europeu no período:

TABELA 4 – Exportações (Toneladas) do Rio Grande do Sul

País	1913 (Publicado 1914)	1914 (Publicado 1915)
Áustria-Hungria	6 727	Não Informado
Alemanha	10 618 021	4 376 920
Bélgica	2 634 384	1 748 528
França	3 024 102	1 953 528
Itália	98 101	58 122
Inglaterra	10 348 238	10 549 159
<i>Total (Europa)</i>	27 124 635	19 006 739
País	1915 (Publicado 1916)	1916 (Publicado 1917)
Áustria-Hungria	Não Informado	Não Informado
Alemanha	104	Não Informado
Bélgica	Não Informado	Não Informado
França	669 672	528 366
Itália	11 671	Não Informado
Inglaterra	8 718 001	7 107 534

⁷⁸ Esse modelo de lâmpada era fabricado pela gigante alemã (no período) chamada de *Gasglühlicht* AG, que operou sob este nome até novembro de 1918 (logo após o Armistício), sendo a empresa desmembrada e refundada sob o nome de Osram G.m.b.h.KG, da qual associou-se a outras duas gigantes do setor alemão em 1920, Siemens & Halske e AEG.

⁷⁹ Este movimento acabaria gerando em 1929 a aprovação do Regulamento do Vinho, que passaria a proibir a produção doméstica e artesanal de vinho, surgindo assim a Sociedade Vinícola Riograndense.

<i>Total (Europa)</i>	10 549 461	7 888 132
País	1917 (Publicado 1918)	1918 (Publicado 1919)
Áustria-Hungria	Não Informado	Não Informado
Alemanha	Não Informado	Não Informado
Bélgica	Não Informado	Não Informado
França	Não Informado	Não Informado
Itália	Não Informado	Não Informado
Inglaterra	Não Informado	8 380 047
<i>Total (Europa)</i>	11 378 431	13 777 710

Fonte para produção da tabela **Relatórios dos presidentes do estado do Rio Grande do Sul**. – Porto Alegre, edições de 1914 a 1919. Acessado na Hemeroteca Digital Brasileira em 15/06/2020.

Como se pode ver na tabela, as informações começaram a ser não informadas conforme a guerra avançava, o que fez com que o mercado europeu se tornasse uma incógnita para o país. Conforme Carlos Daróz (2016, p. 88), a travessia dos navios mercantes começou a ser muito cara, uma vez que a guerra marítima alemã empregada principalmente por seus *U-boat* (Submarinos alemães), fez com que os preços dos seguros de cargas fossem muito altos.

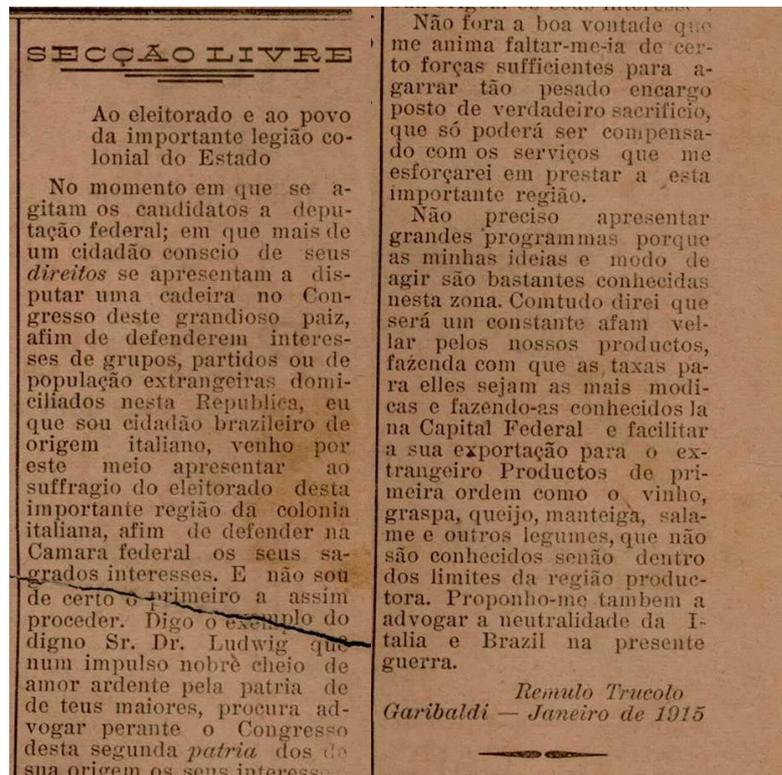
Não por menos, o governo brasileiro veio a declarar guerra ao Império Alemão em outubro de 1917, após quatro navios mercantes brasileiros serem afundados por submarinos alemães, sendo que, no caso do afundamento do Macau (em 18 de outubro de 1917), o capitão do U-93 (submarino alemão) Helmuth Gerlach, levou sob custódia o capitão do Saturnino Mendonça e o taifeiro Arlindo Dias dos Santos – que viriam a desaparecer juntos ao U-93 depois de janeiro de 1918, sem nunca saberem seu paradeiro. Somente em 2014, quando de uma expedição feita próxima à costa francesa, encontrou-se um submarino alemão que se encaixava na descrição do então *U-boat* desaparecido (DARÓZ, 2016, p. 100).

Contudo, com base na **TABELA 4**, seria um erro afirmar que o fechamento do mercado europeu provocou sozinho quedas vertiginosas na economia do estado, uma vez que os mesmos relatórios mostram que, de 1914 a 1918, o mercado latino americano e nacional se expandiu, passando a consumir estes produtos que antes partiam para Europa. Só o Uruguai, entre 1917 e 1918, foi o maior importador do Rio Grande do Sul, chegando a comprar, apenas em 1918, a quantia de 83.473.421

toneladas de produtos, cerca de seis vezes mais que o mercado europeu inteiro no mesmo ano.

Com essas mudanças de mercado, afetadas principalmente pela guerra na Europa e polarização política gerada nos governos nacional e estadual, regiões de colonização italiana, principalmente nas cidades de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Silveira Martins, Santa Maria e Garibaldi, ampliaram as requisições ao governo borgista. Trilhando o mesmo caminho feito pelos imigrantes alemães, que já consolidaram antes de 1914 figuras políticas que pudessem representá-los, a comunidade italiana buscou afirmar sua imprensa e endossar por meio de discursos e manifestos a busca de um diálogo maior com o governo.

FIGURA 15 – Manifesto público de Remulo Trucolo



O periódico *A Encrenca* foi fundado em Caxias do Sul, como mais uma das mídias voltadas para o público ítalo-brasileiro da região. Fonte: **Jornal A Encrenca de 24 de janeiro de 1915**. Acessado na Hemeroteca Digital Brasileira em 12/05/2020.

Durante o período de 1910 a 1920, presenciou-se o surgimento de alguns jornais importantes para a comunidade italiana do Rio Grande do Sul, entre eles os jornais *Staffetta Rio-Grandense* (fundado em Garibaldi no ano 1917), *Il Colono Italiano* (fundado em Garibaldi no ano de 1910) e o *Città di Caxias* (fundado em Caxias do Sul

no ano de 1913). Alguns destes publicados inteiramente em italiano, outros mesclando matérias em português e italiano.

Esses movimentos de tomada de espaço, manutenção da identidade e reforço da presença italiana, fez com que alguns representantes políticos se aproximassem destas colônias, influenciando por meio de discursos mais ativos os relatórios do governador, que, durante o período da Primeira Guerra, passaram a conter traços das reivindicações destas comunidades. Como se vê abaixo no trecho publicado em 20 setembro de 1915:

Procedendo-se a rigorosa análise a fim de ser permitida a exportação, desapareceu a falsificação dos vinhos entre nós. Não obstante continua a defraudação na praça do Rio, onde têm sido infrutíferas todas as tentativas para coibir a adulteração, as vezes grosseira, a que é submetido o nosso produto. Parece que o único meio de remover esse grande mal à indústria riograndense, será o engarrafamento do vinho para a exportação. (RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1915, p 34)

Esta reivindicação já aparece em algumas passagens do jornal *Città di Caxias*, como o longo discurso do Coronel José Pena de Moraes, então intendente de Caxias do Sul, replicado em 27 de Abril de 1914. Ele afirmava:

Eis a nossa *delenda Carthago*⁸⁰ Caxias ainda não libertou da monocultura da vinha, sofrendo, portanto, as consequências decorrentes. Prejudicada que seja essa indústria, esta “*Ipsa Facto*” afetando toda a colônia. Quaisquer, porém, que sejam os aspectos sob os quais possamos encarar a questão, ela gira entre dois polos de si evidentes: a) o aperfeiçoamento e a boa industrialização do produto; b) o evitar-se a nociva falsificação nos mercados de consumo. Portanto, enquanto não nos libertarmos dessa monocultura, busquemos aperfeiçoar o produto respectivo, por que no dia em que a indústria vinícola atingir entre nós a um satisfatório grau de aperfeiçoamento estarão asseguradas a riqueza e a prosperidade econômica da região colonial, que constitui, como se sabe, a única zona verdadeiramente vinícola do Rio Grande e até mesmo de todo Brasil. (*CITTÀ DI CAXIAS*, 1914, Nº 63, p. 6)

⁸⁰ Termo oriundo das Guerras Púnicas (264 a 146 a.C.) quando Catão, censor (234 a 149 a.C.), ficou conhecido por proclamar no final de seus discursos a frase *Ceterum autem censeo Carthaginem esse delendam* (que passou a ser abreviado para *Delenda est Cartago*). A frase simbolizava a obsessão de Catão em influenciar a destruição de Cartago pelo império romano. Neste sentido, pode ser parafraseado com a conotação de colocar um plano em prática urgentemente para mudar uma situação.

A sociedade rio-grandense presenciou, durante a Primeira Guerra, manifestações contrárias a uma etnia por causa do país ou posicionamento na guerra. Sendo comumente presenciado entre 1914 e 1917 (antes do navio mercante *Paraná* ser afundado), discursos e debates acalorados entre grupos de imigrantes que tinham seus países envolvidos na guerra, ou ainda, entre setores da igreja que se dividiram entre os que apoiavam as potências centrais ou aliadas.

Conforme Daróz (2016), quando o navio mercante *Paraná* foi afundado em 03 de Abril de 1917, as manifestações públicas contrárias aos alemães se acentuaram.⁸¹ A agitação provocada após a história dos sobreviventes vir a público e estamparem os principais jornais brasileiros influenciaram eventos violentos nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

Em Porto Alegre, vários estabelecimentos de origem germânica foram depredados por populares. O tumulto teve início no estabelecimento chamado Café Colombo, no dia 15 de abril de 1917, local de onde partiu uma multidão enfurecida.

Um empregado do Arsenal de Guerra reprovou o atentado realizado contra o jornal *Deutsche Zeitung* na véspera e convidou o povo a ser ordeiro. O orador foi interrompido constantemente, aos gritos de “não pode!”. Após este, falou um indivíduo paulista, apoiando o atentado e pedindo ao povo que usasse de toda a violência. Em seguida, uma enorme massa, calculada em mais de 5 mil pessoas, dirigiu-se de bonde e em outros veículos para os arredores de São João, a fim de pôr termo à reunião dos alemães sócios do Clube *Turnebund*; um piquete da Brigada Militar que chegara ali a tempo, conseguiu evitar que se consumasse o ato de violência. Na volta, os populares que regressavam de bonde vaiaram durante todo o trajeto as casas alemãs, e, ao passarem pela pensão Schmidt, no caminho novo, apedrejaram o estabelecimento. O proprietário, seu filho e dois empregados reagiram com disparos de armas de fogo, ferindo os manifestantes. [...] Findo o ato reprovável, os manifestantes dirigiram-se ao centro da cidade atacando as choperias e quebrando tudo que encontravam. A casa Voelckler, localizada na rua dos Andrada, teve suas vitrines quebradas, além disso, os populares arrancaram várias placas e picharam os letreiros dos estabelecimentos alemães (DARÓZ, 2016, p 91 - 92).

O então Ministro das Relações Exteriores Lauro Müller, nascido em Santa Catarina e de origem alemã, também passou a ser atacado midiaticamente após os

⁸¹ A contrariedade aos alemães se pareceu ao que irá acontecer na Segunda Guerra Mundial, quando os brasileiros se revoltaram contra os alemães em várias partes do Brasil após esse declarar guerra aos países do Eixo e pelo torpedeamento de embarcações brasileiras em alto-mar.

acontecimentos. Uma forte campanha pública passou a considerá-lo germanófilo⁸², mesmo estando no cargo desde 1913, com um movimento capitaneado pelo presidente da Linha de Defesa Nacional (LDN)⁸³, Rui Barbosa, que questionava a fidelidade de Müller com a pátria brasileira. Sob forte pressão o ministro renunciou ao cargo em 03 de maio de 1917, sendo rapidamente sucedido em 05 de maio por Nilo Peçanha, também defensor da causa aliada e admirador de Rui Barbosa (VINHOSA, 1990, p. 32).

Com o apoio do Brasil às forças aliadas em 1917, as comunidades italianas (então aliadas) começaram a ganhar certo prestígio entre políticos brasileiros, conquistando o espaço antes pertencido aos germanófilos ou neutralistas. Jornais ítalo-brasileiros passaram a relatar as vitórias aliadas com maior frequência, e seu nacionalismo passará a ser tolerado e aceito, em contrapartida, os de origem germânica passaram a ser reprimidos, principalmente com o crescente discurso do “Perigo Alemão”⁸⁴.

Ainda em 1917, Daróz (2016, p. 108) ressalta o aumento do discurso de operários e sindicalistas de linha socialista e anarquista que, devido ao momento, começaram a se posicionar contra a guerra de forma mais ativa. Conforme estes, a escalada que levou à entrada na guerra e a participação ativa no conflito foi a forma que o governo encontrou para desviar a atenção dos diversos problemas sociais existentes no país, que ainda sofria com diversos conflitos internos, como a Guerra do Contestado (iniciada em Santa Catarina ainda no governo de Hermes da Fonseca) e a primeira greve geral do Brasil⁸⁵. Movimentos estes que, em alguns casos, marcariam ambos os governos, tanto de Venceslau Brás quanto de Borges de Medeiros no Rio Grande do Sul.

⁸² Germanofilia é a simpatia ou admiração pela cultura alemã.

⁸³ A Liga de Defesa Nacional foi fundada em 1916 no Rio de Janeiro por Olavo Bilac, Miguel Calmon e Pedro Lessa. A instituição sustentava, por meio de seu presidente Rui Barbosa, o apoio brasileiro aos Aliados na Primeira Guerra Mundial. A ideia de declaração de guerra às potências centrais reforçaria o serviço militar obrigatório, o que também reforçava a importância no desenvolvimento das Forças Armadas e da formação do “Cidadão-Soldado” que via o serviço militar como a verdadeira escola para a cidadania brasileira.

⁸⁴ Sobre o “Perigo Alemão” no Brasil durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, consultar: Gertz (1998).

⁸⁵ Iniciada em julho de 1917, esta greve afetou principalmente os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, tendo uma duração de 30 dias. Ela foi apoiada por membros do setor público e privado, tendo ampla participação da classe operária ítalo-brasileira, que já possuía um melhor embasamento anarquista e socialista vindo da Europa.

4.2 AAJUDA VEM DE LONGE

Como foi mencionado em outros momentos deste trabalho, a manutenção da máquina de guerra tinha um elevado custo humano e monetário aos países envolvidos no conflito. Historiadores⁸⁶ afirmam que a Primeira Guerra marcou o início do fim dos grandes impérios coloniais. Porém, outros⁸⁷ reforçam que não apenas impérios ruíram com o fim da guerra, mas também algumas nações envolvidas na guerra tiveram desestabilizações políticas e crises monetárias que acabaram por afetar sua continuidade, estes são os casos do Reino da Itália e da Primeira República de Portugal.

Voltando-se para a Itália, vimos anteriormente que os movimentos intervencionistas que agiram de 1914 até a entrada da Itália na guerra em 1915, foram impulsionados principalmente pelo sentimento militarista nacional que pretendia formar um reino italiano forte e imponente na Europa, inspirando-se em antigos impérios como o Romano. Esses movimentos nacionalistas não estavam presentes exclusivamente na Itália, eles espalharam-se para muitas colônias italianas ao redor do mundo. Com a entrada da Itália na guerra, esses indivíduos ligados ao sentimento nacionalista e patriótico organizaram diversos comitês pró-pátria vinculados a associações já estabelecidas, algumas destas atuando na busca de fundos para a Cruz Vermelha italiana e aliada, ou ainda, auxiliando famílias de soldados que foram afetadas pela partida para a Europa.

O *Comitato Pro vittime guerre*, comumente referido no livro *Cinquantenario* (2000) de *Comitato Pro Patria*, tinha sua sede em Porto Alegre. Fundado quatro dias após a entrada da Itália na guerra, na então sede da associação “Vittorio Emanuele II”, reuniam-se presidentes e representantes das associações italianas de Porto Alegre. Com o intuito de auxiliar as famílias dos soldados italianos que perecerem na guerra, este comitê possuía ramificações por todo o estado, principalmente nas cidades de colonização italiana (RUGGIERO, 2015, p. 99). O montante arrecadado por este comitê, conforme o livro *Cinquantenario* (2000), de 1915 a 1919 (tempo que este comitê ficou ativo), foi de 32 milhões de liras.

⁸⁶ Baseio-me nos estudos de: Hobsbawm (1994) e Stevenson (2016).

⁸⁷ Refiro-me às pesquisas de: Gilbert (2017), Daróz (2016) e Vinhosa (1990).

Com a boa organização deste comitê em Porto Alegre, surgiram pelo menos outros três com a mesma finalidade (Caxias do Sul, Santa Maria e Rio Grande), porém, estes tinham funções autônomas (RUGGIERO, 2015, p. 100).

FIGURA 16 – Comitê feminino Pró Pátria de Santa Maria (1915)



Fonte: **CINQUANTENARIO** (2000, p. 450).

Como vemos acima, o núcleo feminino de ítalo-brasileiras também formaram seus comitês exclusivos. Em Santa Maria, sob a presidência da professora Iró Ancarini, surge em 1915 o primeiro grupo do gênero formado naquele período (CINQUENTENARIO, 2000, p. 416).

Devemos ressaltar que esse movimento de criar comitês, uma vez que outros semelhantes já haviam surgido, como o *Comitê Feminino Central Pro Santa Casa* de 1905 ou o *Comitê Feminino de Santa Maria Pro Monumento a Garibaldi e Annita em Porto Alegre* de 1910.

Seguindo os passos de Iró Ancarini, a Condessa Provana del Sabbione, esposa do Consul italiano no Rio Grande do Sul, criou também um Comitê Feminino Pró Pátria em Porto Alegre no ano de 1915 (RUGGIERO, 2015, p. 100).

FIGURA 17 – Apelo público da Liga Brasileira pelos Aliados

Fazemos ponto, pois, a decendo a gentileza da offi

Appello

Por sentimento proprio e a pedido do um nosso amigo, publicamos o appello abaixo, certos de que os brasileiros não serão insensíveis, tratando-se de prestar um pequeno auxilio a santa causa do Direito e da Liberdade.

«Appello da "Liga Brasileira pelos Aliados" em favor do emprestimo Italiano no Brazil.

A Liga Brasileira pelos Aliados communicamos o seguinte appello:

Compatriotas! Um obulo em favor da Civilização Latina! O dinheiro é actualmente o nervo da guerra.

Assignai um titulo só que seja do emprestimo italiano!

Assignai em favor da Causa Santa!

Assignai em favor dos que pretendem libertar o Trentino e Trieste das garras do despotismo allemão sob a sua forma austriaca!

Assignai em favor daquelles que sebatam ao lado dos Franceses, Ingleses e Russos, em favor da libertação dos Belgas, do Norte da França, da reintegração da Alsacia-Lorena, dos Polacos, de todos os povos opprimidos, enfim.

Lembraí-vos de que são os descendentes daquelles que nos deram Dante, o immortal Florentino, que no mesmo poema ora empunha a tuba, julgando mortos e vivos, ora sobrança a lyra suave e terna e canta Beatriz.

Lembraí-vos de que é a Italia de Petrarca, o Cysno de Vaulusa, que mavioso cantou os primorosos sonetos de amor! Que lá nasceram Ariosto, o tão inspirado vate do ideal cavalheiresco, e Tasso, o bardo idealizador das Cruzadas!

Recordai-vos de que é a Patria da Renascença esse bello riso da Humanidade, rejuvenescida, no contacto da sciencia, e da industria, a esperança de um futuro destino sobre a Terra; desse renascimento artistico que tem suas origens nos poeticos arabos do coração de um S. Francisco de Assis!

Subscrevei para a Italia, esse florido e odorifero, eucalypto é o idioma do canto do amor. Patria de Raphael, o contemporaneo e as da graça e

cias do culto, e nas quaes symboliza o coração da Mulher em seus mysterios de Mãe e de Virgem! Italia, berço de Miguel Angelo, o pujante artista do "Juizo Final", de Moysés e da Basilica de S. Pedro em Roma: de Corregio, cujo magico pincel nos mimoseou com a representação de encantadoras criancas roseas e sadias! Pensai que nella se originaram esses brilhantes paineis venezianos, prouhos de scenas de vida intensa e real, que reproduzem com fugio e nobreza a vida prazenteira! Que nella tambem vio a luz do dia Leonardo da Vinci, que idealizou o Eterno Feminino, autor da Ceia do Senhor, ornamento dos vossos lares; desse Leonardo que é um dos mais asombrosos precursores e genios universaes da Nossa Espécie, e de que se deve orgulhar a Raça Latina; o mais genuino representante desse bello movimento de emancipação do espirito contra o qual se insurgiu a raça germanica, encaçada nesse enorme sem poesia que se chamou Luther, pretendendo assim remontar a corrente dos seculos e das gerações, essa corrente progressista representada pelos esforcos da Igreja Catholica e da Civilização, o voltar aos tempos primitivos da Igreja embryonaria! Tresloucado ideal que encobria sob uma pretensa religiosidade o sonho, hoje patente, da «fria e barbara Kultur», contra a «dente e luminosa Civilização Latina».

Subscrevei para a Italia, Patria de Colombo, que, desvendando o nosso continente, o chamou a colaborar na grande obra da Civilização humana! Para a Italia, Mãe de Galileo, o audaz legislador da gravidade! Para a Patria de Garibaldi, que se bateu pela Independencia e Liberdade dos povos!

Nobres descendentes dos «Farrapos!» Mostrai a vossa gratidão! Subscrevei para a Patria daquello que se bateu pela vossa Republica de Piratinim!

Catharinenses! Patriotas de Annita ainda não infeccionados pelos virus germanicos! Subscrevei para a Patria daquelle a quem ella tanto extremecia e por cuja terra e ideias ella tambem se bateu e pereceu, e onde a gratidão de um povo lhe erigiu um monumento, Altar de saudosa lembrança e piedade!

Paulistas, que deveis uma boa parte da vossa prosperidade á collaboração italiana, subscrevei esse emprestimo. E vós, em cujas veias ainda pulsa o ferveo mais ou menos calido o generoso sangue de Italia, não vos esqueçais dessa dívida á Patria dos Antepassados!

Mesmo que vós não possis

mento irmão do nosso uma insidiosa invasão do torpe tuitio, vinde colaborar tambem no mesmo esforço!

Joven geração encantada pelos sublimes ensinamentos do "Coração" de Edmundo de Amicis, vós, que sñi auristes tão fecundas e preciosas lições de juvenil civismo e amor: vós que sois hoje homens feitos, gratos, collaborai da mesma fórma!

Quem por qualquer motivo não pôde subscrever para o emprestimo francez, faça-o agora para a encantadora Italia. A causa é a mesma. Ella é bella e santa, essa causa! Ella é justa entre as que mais o foram.

O' vós que vos delectais na musica melodiosa de Bellini, de Rossini, de Verdi e tantos outros; vós, apreciadores da opera italiana e de suas bellas arias, correi pressurosos em auxilio dessa terra que tão bom acolhimento deu ao maestro Carlos Gomes e ás suas produções musicaes.

São todas essas recordações e tradições, todas as bellezas artisticas e naturaes que é preciso conservar, defender e salvar a todo o transe. E' a todos esses thesours poeticos, scientificos e artisticos que é preciso demonstrar uma sympathia e uma solidariedade activa.

Não vos deixeis levar pelos insidiosos cantos da loura secreta germaniez, que pregou e praticou a guerra e continuas depredações, enquanto se julgou forte, e agora prega a paz, simples bregua para ganhar tempo e recommear mais segura.

Não vos deixeis enganar pelas leonias das aguas esfalfadas mas assim mesmo daminhas ainda. Surdos aos seus lamentos, são os pacifistas os que agora pregam um esforço final que derrube de vez o dominio antigo da guerra desastros.

Os heróis de Liège, de Dixmude, do Marne, do Yser, de Verdun «intransponivel», do Somme, e do Trentino; as ruinas de Louvain, de Arrschol, de Arras, de Soissons e de Reims; os martyres da Polonia; da Armenia; as populações escravizadas da Belgica e do Norte da França, os prisioneiros trucidados ou torturados, nem as suas vozes ás nossas, dizendo:

«Assignai um titulo só que seja do emprestimo Italiano!

Nós nos batemos por vós, povos ciosos da vossa independencia!

A causa é justa e nobre e bella!

Demonstrai pelos factos que a Raça Latina é uma raça ascendente, que pratica a solidariedade, que sabe sus-

tentar seus ideias tão resplendentes e fecundos como o brilhante e fecundo Sol eternamente joven que a illumina, vivifica e renova!»

Liga Brasileira pelos Aliados

Achados . . .

Publicamos hoje, a seguinte carta achada a qual é da lavra do mesmo inspirado vate de quem no numero anterior publicamos um «choro» bilhete:

Caxias, 19—4—1917.

Carissimo amigo Moura.

Foi com grande pesar que soube por diversos amigos que andas dizendo que eu tentei matar-te. Seria para mim, não só uma covardia, como tambem uma prisão de cadeia. Amo com todas as forças de meu coração a dona . . . é ella a unica insugeta que vive no meu pensamento, mas apesar d'isto tudo, não matarei um amigo só por tentar elle namoral-a, podes continuar a tentar, porque sei perfeitamente que nunca serás correspondido.

Do amigo

J . . .

Fitas por atacado

MURMURAM . . .

— que o Salerninho anda conquistando uma galante menina, lá pelas immediações de sua residencia;

— que uma Sta. acha o Arab-deutsch um typo ideal;

— que um gentil deidade, da rua Pinheiro Machado, diz não achar graça em namorar um só moço;

— que o Jobim numa das noites dos accidentes occorrido na capital, na occasião que regressava para sua casa, tendo ser agredido por allemão, resolveu refugiar-se em um galpão da casa do nosso amigo Dinarte, on-

O periódico *O Estímulo* foi fundado em 12 de novembro de 1916 em Caxias do Sul, como mais uma das mídias voltadas para o público ítalo-brasileiro da região. Fonte: **Jornal O Estímulo de 29 de Abril de 1917**. Acessado na Hemeroteca Digital Brasileira em 19/05/2020.

Conforme vemos no apelo acima, podemos ter uma ideia das diversas frentes que buscavam arrecadar dinheiro para atender os países europeus. A Liga Brasileira pelos Aliados, fundada originalmente no Rio de Janeiro por Rui Barbosa, em 07 de maio de 1915, diferente dos Comitês Pró Pátria, atuava no levantamento de fundos

para a Cruz Vermelha brasileira e francesa, além de igualmente organizar manifestações públicas em favor da causa este grupo, atuava também no âmbito político nacional, redigindo manifestos e protestos contra as políticas de guerra dos impérios centrais.

Apesar de esta liga não estar tão presente no estado, ela atuava em conjunto com a LDN (Liga de Defesa Nacional) que também era comandada por Rui Barbosa, sendo que esta tinha maior atividade entre os militares sul-rio-grandenses, o que garantia uma aproximação maior com membros das comunidades italianas, comandada por intendentes alinhados ao governo positivista de Borges de Medeiros.

FIGURA 18 – Empréstimo Italiano no Brasil



Fonte: **Jornal A Federação de 19 de Janeiro de 1918**. Acessado na Hemeroteca Digital Brasileira em 19/05/2020.

Contudo, neste apelo vemos um pedido pela assinatura de títulos em favor do empréstimo italiano no Brasil, método usado pelos consulados italianos ligados diretamente ao Reino da Itália para arrecadar fundos em apoio a seus esforços. Títulos como este eram basicamente empréstimos a juros que os cidadãos faziam ao governo. Como é perceptível na **Figura 18**, vemos como o uso do empréstimo chegou ao próprio governador do Estado, sendo este usado pelo movimento como uma ferramenta midiática, colocando-o como presidente honorário de um comitê de propaganda do *Banco Francez e Italiano* que fazia as vendas e transferências dos empréstimos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Primeira Guerra foi um evento complexo no início do século XX. Alguns historiadores como Ferguson (1998) e Gilbert (2017) refletem em suas obras se a guerra poderia ser evitada. Sempre buscando analisar as diversas variáveis, a escalada militar foi uma causa que desencadearia o conflito europeu, e o assassinato do Arquiduque e sua esposa pode ser analisado como a faísca que deu início a um movimento maior que já estava em curso.

De acordo com Ruggiero (2015), a Primeira Guerra, durante e após o seu encerramento, influenciou diversas comunidades italianas no exterior, incluindo no Brasil. Este conflito avançou progressivamente na reformulação do pensamento destes ítalo-brasileiros, ressignificando e reestruturando muitos de seus sentimentos em relação à própria nação.

Quando me propus a desenvolver este trabalho, não tinha ideia da quantidade de fontes existentes, e, mesmo fazendo um recorte delas, vi o quanto ainda pode ser explorado na história de imigrantes e brasileiros na Primeira Guerra. Muitas pesquisas poderão se usar destas fontes primárias e de outras que ainda surjam, tudo para levantar novas questões e chegar a resultados inéditos.

Lamentavelmente, a produção deste trabalho foi afetada pela situação atual que vive o mundo. O Covid-19 influenciou na retenção de alguns dados que poderiam ter sido explorados em arquivos ainda não digitalizados, uma vez que eu dependia de arquivos que permaneceram fechados ou inacessíveis durante o tempo de escrita deste trabalho, deixando que algumas conclusões ficassem incompletas ou parciais.

Como um trabalho introdutório, busquei explorar diversos pontos que refletiam sobre o serviço voluntário de soldados ítalo-brasileiros, trabalhando com um número reduzido de indivíduos para poder explorar como as forças voluntárias oriundas do Rio Grande do Sul puderam ser aproveitadas.

Parcialmente, pode-se concluir que, na guerra, muitos destes homens eram designados a serviços que eles já realizavam no Brasil. Outro ponto interessante é que as motivações para os jovens decidirem ir lutar em uma guerra distante podiam ser variadas. Alguns por pressão familiar, como Luigi Luchina; outros podiam ser atraídos pelo fato de ganharem o direito de se tornarem cidadãos italianos e permanecerem no país de origem de seus pais; ou ainda, aqueles que, por impulsos

emotivos e românticos vindos da propaganda nacionalista e patriótica, embarcaram em uma guerra que os marcaria para sempre, como SanMartin, e a família de Raffaele Zambelli.

Os movimentos gerados pela guerra também reforçaram a antiga ligação dos descendentes com a terra de seus genitores, uma vez que para se alistarem era necessário regressar ao local onde o seu pai nascera ou de onde a família emigrara. Sendo assim, não podemos retirar um ponto pertinente desta questão: ao combaterem, estes homens ganhavam o direito de se tornarem novamente cidadãos italianos, e posteriormente à guerra, poderiam ganhar o direito de permanecer no país, quem sabe constituindo família ou levando a sua novamente para lá. Isso definitivamente aconteceu, uma vez que, dentro dos registros de gastos do Comitê pró-Pátria, descritos no *Cinquantenario* (2000, p. 420), estava o “auxílio para repatriação de 28 famílias de soldados ítalo-brasileiros”.

Este apontamento é feito com base em todo o contexto gerado pela imigração no Brasil, como vimos na primeira parte do trabalho. Muitos filhos de imigrantes eram considerados brasileiros ao nascerem no país. A formação e solidificação do cidadão italiano, ideia tão almejada pelos unificadores no século anterior, se tornou uma realidade no início do novo século, contudo, o custo foi alto para o povo e para o reino, que logo seria dominado por políticas ultranacionalistas.

Ainda assim, fica evidente que, mesmo com o forte estímulo a políticas nacionalistas que chegaram às colônias italianas no sul do país, incentivadas principalmente pelo surgimento de mídias culturalmente ligadas à etnia italiana, o número de deserções foi alto, principalmente se levarmos em conta a quantidade de mortos entre soldados nascidos na Itália somados aos emigrados.

Evidentemente, o trabalho se utilizou de um pequeno recorte de voluntários que, conforme dados apresentados por Ruggiero (2015, p. 88), só no caso de mortos esse número pode subir para 282, sendo complementado por quase 12 mil voluntários que partiram de todo o Brasil para a guerra. Reconstruir essa história é algo que ainda precisa ser feito, recontando a vida de indivíduos que muitas vezes só são lembrados como soldados nas trincheiras, despidos de suas identidades e sentimentos. Um objetivo importante que esta obra gostaria de ter cumprido é o de explicar que o serviço voluntário destes homens era apenas uma parte da questão dos reflexos da Primeira Guerra nas comunidades ítalo-brasileiras.

Os temas que surgiram no decorrer deste trabalho podem ajudar a compreender este período de forma mais ampla, servindo como base de estudo que pode elucidar melhor os movimentos que surgirão logo após a Primeira Guerra. Além disso, ao explanarmos a existência destes indivíduos, através da simples denominação de soldados, pode incentivar o surgimento de novas fontes e questionamentos.

Entendermos o lado humano da Primeira Guerra e principalmente expandirmos um pouco mais as redes internas e externas que imigrantes italianos e seus descendentes possuíam agrega um valor histórico às práticas e símbolos que ganharam valor no período. A aproximação das colônias e do reino italiano no final da guerra é uma demonstração disso, como se pode perceber nas manifestações referentes à visita do embaixador italiano Vitto Luciani ao Rio Grande do Sul, em agosto de 1918.

Um dos maiores desafios encontrados neste trabalho foi montar uma história a partir da fragmentação de muitas fontes primárias, como diários, cartões postais, jornais, panfletos e outros meios de comunicação. Construir uma pesquisa por meio de tantas fontes, muitas ainda inexploradas, é algo difícil.⁸⁸ Felizmente, a digitalização de documentos e a disponibilização deles nas redes sociais se tornaram algo presente, o que pode salvar muitos arquivos das intempéries e má administração e facilitar a vida de pesquisadores.

No Brasil, encontrar fontes primárias é um desafio, mas, felizmente, muitos jornais étnicos contribuem para a posteridade, ao estamparem cartas, opiniões, relatos e memórias de soldados. Formar acervos e preservá-los é um dever que todos nós deveríamos passar a construir e tornar realidade dentro do país, não apenas como uma política pública, mas como um dever social para com a preservação de nossa memória.

⁸⁸ Porém, percebemos que é possível fazer essa reconstrução histórica a partir de fragmentos de documentos lendo obras como: *O Queijo e os Vermes* (GINZBURG, 2006) e *O poder na Aldeia* (VENDRAME, 2016).

FONTES PRIMÁRIAS

ASSOCIAZIONE STORICA CIMETRINCEE; ISTORECO; MINISTERO DELLA (1999). **Albo dei caduti italiani della Grande Guerra** [Banco de dados]. Disponível em: <<http://www.cadutigrande guerra.it>> Acesso em: 19 de Abril de 2020.

Centenario da Imigração Italiana: 1875-1975. - Rio Grande Do Sul, Brasil / Centenario della Immigrazione Italiana, Porto Alegre: Editora Edel, 1975.

Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud (1875-1925). 2ª ed., Porto Alegre, Posenato Arte& Cultura, 2000.

MINISTERO DELLA DIFESA (2015). **Banca Dati dei caduti e dispersi 1ª Guerra Mondiale** [Banco de dados]. Disponível em: <http://www.difesa.it/Il_Ministro/CadutiInGuerra/Pagine/AlboDoro.aspx> Acesso em: 19 de Abril de 2020.

MINISTERO DELLA GUERRA (1924-1929). **Brigate di fanteria: riassunti storici dei corpi e comandi nella guerra 1915-1918, capitolo Brigata Arezzo:** [documento]. Disponível em:< <https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/arezzo.pdf>> Acesso em: 27/05/2020

MINISTERO DELLA GUERRA (1924-1929). **Brigate di fanteria: riassunti storici dei corpi e comandi nella guerra 1915-1918, capitolo Brigata Modena:** [documento]. Disponível em:<<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/modena.pdf>> Acesso em: 27/05/2020

MINISTERO DELLA GUERRA (1924-1929). **Brigate di fanteria: riassunti storici dei corpi e comandi nella guerra 1915-1918, capitolo Brigata Napoli:** [documento]. Disponível em:<<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/napoli.pdf>> Acesso em: 25/05/2020

MINISTERO DELLA GUERRA (1924-1929). **Brigate di fanteria: riassunti storici dei corpi e comandi nella guerra 1915-1918, capitolo Brigata Sele** [documento]. Disponível em:<<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/sele.pdf>> Acesso em: 25/05/2020

MINISTERO DELLA GUERRA (1924-1929). **Brigate di fanteria: riassunti storici dei corpi e comandi nella guerra 1915-1918, capitolo Brigata Siena** [documento]. Disponível em:<<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/siena.pdf>> Acesso em: 25/05/2020

MINISTERO DELLA GUERRA (1924-1929). **Brigate di fanteria: riassunti storici dei corpi e comandi nella guerra 1915-1918, capitolo Brigata di Salerno** [documento]. Disponível em: <<https://www.storiaememoriadibologna.it/files/grande-guerra/schede-brigata/salerno.pdf>> Acesso em: 26/05/2020

MINISTERO DELLA DIFESA (2015). **Carabinieri, Storia** [Site]. Disponível em: <<http://www.carabinieri.it/arma/ieri/storia>>. Acesso em: 14 de Abril de 2020.

MINISTERO DELLA DIFESA (1924-1929). **Arma del Genio, Storia** [site]. Disponível em: <<http://www.esercito.difesa.it/organizzazione/armi-e-corpi/Genio/Pagine/La-Storia.aspx>> Acesso em: 26/05/2020

Relatórios dos presidentes do estado do Rio Grande do Sul. – Porto Alegre, edições de 1891 a 1930. Disponível em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>> Acesso em 21 de Abril de 2020.

SANMARTIN. Olyntho. **Escola da morte: Memórias da Grande Guerra de 1914-1918.** -Porto Alegre: Livraria Globo, 1957.

SCOTLAND WAR (2014) **Charles Orr diary** [diário] Disponível em: <[http://www.scotlandswar.ed.ac.uk/sites/default/files/pdf/Charles Orr%27s diary.pdf](http://www.scotlandswar.ed.ac.uk/sites/default/files/pdf/Charles%20Orr%27s%20diary.pdf)> > Acessado 15/05/2020

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina: Meridionais na Sociedade Porto-Alegrense e permanência de identidade entre Moranese.** Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1990.

COSTA, Marcelle Felix de Souza Lisboa. **Grande Guerra e Memória do Combate Italiano: Uma Reflexão a Partir do Epistolar do Americano Orlando (1915-1917).** Monografia de Bacharelado e Licenciatura em História. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

DORNELLES, Laura de Leão. **Risorgimento e revolução: Luigi Rossetti e os ideais de Giuseppe Mazzini no movimento farroupilha.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2010.

LAZZARI, Natali Cristina. **Escultura religiosa na colônia Caxias: Um estudo sobre a obra de Pietro Stangherlin e Tarquínio Zambelli.** Monografia de Bacharelado em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves. **Dicionário histórico biográfico da Primeira República 1889-1930**. FGV, editora CPDOC, 2015.

ARTHUR, Max. **Vozes esquecidas da Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BARAUSSE, Alberto. Focolari di educazione nazionale e di sentimento patrio: Le scuole italiane nel Rio Grande do Sul durante gli anni della colonizzazione di fine ottocento (1875 – 1898). **Revista História da Educação**, vol. 21, núm. 51, pp. 41-84, janeiro-abril, 2017. Disponível em: <<https://cutt.ly/myOhw6M>>. Acesso em 20 de Abril de 2020.

BERTONHA, João. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Italianos e Austro-Húngaros no Brasil: Nacionalismos e identidades**. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

CAVALLARO, Gaetano. **Disaster engind in final victory: the dissolution of the austro-hungarian empire** (Volume II). Bloomington: Xlibris, 2010.

_____. **Disaster engind in final victory: the dissolution of the austro-hungarian empire** (Volume III). Bloomington: Xlibris, 2010.

CONSTANTINO, Núncia S. Viajantes italianos, imigração e italianidade no Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 38, supl., p. S312-S325, nov. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2012.s.12476>>. Acesso em 19 de Abril de 2020.

COSTA, Rovílio. **Imigração italiana: Vida, costumes e tradições**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1986.

DARÓZ, Carlos. **O Brasil na primeira guerra mundial: a longa travessia**. São Paulo: Contexto, 2016.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo: Difel, 1976.

DOS SANTOS, Rodrigo L. História da imigração e pesquisas genealógicas: distanciamentos, aproximações e interações metodológicas possíveis. **MÉTIS: história & cultura**. Vol. 17, núm. 33, p. 325-341, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/6696>>. Acesso em 18 de Abril de 2020.

DUGGAN, Christopher. **História concisa da Itália**. São Paulo: Edipo, 2016.

ENGLUND, Peter. **A beleza e a dor: uma história íntima da primeira guerra mundial**. São Paulo: Companhia de Letras, 2014.

FELIPE, Alisson. **Guerras: Motivação & História**. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2005.

FERGUSON, Niall. **Horror a Guerra**. São Paulo: Planeta do Brasil: 1995.

FLORES, Moacyr. **Olyntho SanMartin: Biografia e Antologia**. Porto Alegre, EMMA, 1975

FRANZINA, Emilio. **A história (quase verdadeira) do soldado desconhecido: Contada como uma autobiografia**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FROSI, Vitalina. MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1975.

FULGÊNCIO, Rafael. O paradigma racista da política de imigração brasileira e os debates sobre a "Questão Chinesa" nos primeiros anos da República. **Revista de informação legislativa**, v. 51, n. 202, p. 203-221, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/503045>>. Acesso em: 15 de Maio de 2020.

GARAMBONE, Sidney. **A primeira guerra mundial e a imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GERTZ, René E. **O perigo alemão**. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

GILBERT, Martin. **A primeira guerra mundial**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem. Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **O Queijo e os vermes**. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HEREDIA, Vânia B. O mito da imigração no imaginário da cultura. **MÉTIS: história & cultura**. Vol. 4, núm. 8, p. 233-244, jul/dez. 2005. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1225>>. Acesso em: 18 de Abril de 2020.

HOWARD, Michael. **Primeira Guerra Mundial**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ISNENGI, Mario. **História da primeira guerra mundial: século XX**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KARSBURG, Alexandre. Movimentos socioreligiosos rurais e violência de estado: reflexões e aproximações entre Brasil e Itália. In: VENDRAME. M., MAUCH. C.,

MOREIRA, P. S., (Orgs). **Crime e justiça: reflexões, fontes e possibilidades de pesquisa** São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2018, p. 384-407.

KASUMOVIC, Amila. Em Sarajevo, ferida aberta. In: **Revista História da Biblioteca Nacional**, ano 9, num. 106, p. 22-25, julho de 2014.

KUHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. 4. Ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.

LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-História - In: VENDRAME, M., KARSBURG, A., MOREIRA, P. S., (Org). **Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016, p. 18-31

MONSAGRATI, Giuseppe. A grande guerra das interpretações (1914/1918). In: RUGGIERO, A., MUSA FAY, C., GERTZ, R. (Org). **Vivências da primeira guerra mundial: entre a Europa e o Brasil**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2015.

ORO, Ari P. Imigrantes Calabreses e Religiões Afro-Brasileiras no Rio Grande do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, Vol. 14, núm. 1, p 73-86, 1988. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.1988.1.30429>> Acesso em: 19 de Abril de 2020.

PATHERSON, Sarah, **Tracing Your Prisoner of War Ancestors: The First World War**. Barnsley: Pen & Sword Books. 2012.

PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. 9º Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

_____. Imigrante na política do Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J., GONZAGA, S., (Orgs). **RS: imigração & colonização** 2.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1992.

PIEROPAN, Gianni. **1916: Le montagne scottano**. Milão: Mursia Editore, 1979

RUGGIERO, A., MUSA FAY, C., GERTZ, R., (Org). **Vivências da primeira guerra mundial: entre a Europa e o Brasil**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2015.

RUGGIERO, Antonio. A Grande Guerra do ítalo-gaúcho Olyntho Sanmartin. In: **Revista de História da Unisinos**, Vol. 20, núm. 3, P. 300-310, Set./Dez., 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/14668>>. Acesso 05 de Maio de 2020.

SANMARTIN, Olyntho. **Escola da morte: Memórias da Grande Guerra de 1914-1918**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1957.

SATTO, Christian. A Grande Guerra da Itália. In: RUGGIERO, A., MUSA FAY, C., GERTZ, R., (Org). **Vivências da primeira guerra mundial: entre a Europa e o Brasil**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2015.

SCARRONE, Marcelo. Aniversário de uma tragédia anunciada. In: **Revista História da Biblioteca Nacional**, ano 9, num. 106, p. 17 -20, julho de 2014.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial: História completa**. São Paulo: Contexto, 2013.

STEVENSON, David. **1914-1918 A história da primeira guerra mundial: A deflagração (Tomo I)**. Barueri: Novo século Editora, 2016.

_____. **1914-1918 A história da primeira guerra mundial: A escalada (Tomo II)**. Barueri: Novo século Editora, 2016.

_____. **1914-1918 A história da primeira guerra mundial: As consequências (Tomo III)**. Barueri: Novo século Editora, 2016.

_____. **1914-1918 A história da primeira guerra mundial: O legado (Tomo IV)**. Barueri: Novo século Editora, 2016.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1988.

VENDRAME, M., MAUCH, C., MOREIRA, P. S., (Orgs). **Crime e justiça: reflexões, fontes e possibilidades de pesquisa**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2018.

VENDRAME, Maíra I., ZANINI, Maria C., Imigrantes italianos no Brasil meridional: práticas sociais e culturais na conformação das comunidades coloniais. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, vol. 40, num. 1, p. 128-149, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2014.1.17268>>. Acesso em: 20 de Abril de 2020.

VENDRAME, Maíra. Em busca da “República de Deus”: revoltas camponesas e agentes da emigração no norte italiano (século XIX). **Revista Tempo**, Vol. 23, num. 1, Jan.-Abr. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v23n1/1980-542X-tem-23-01-00022.pdf>>. Acesso em: 22 de Abril de 2020.

_____. “Viva a Itália e seu glorioso exército!” A imigração italiana e as manifestações de italianidade nas memórias de Andrea Pozzobon (1885-1915). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 8, n. 1, p. 21-47, jan./jun. 2015. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2015.1.19877>>. Acesso 15 de Abril de 2020.

_____. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914)**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. **O poder na aldeia: redes sociais, honra familiar e prática de justiça entre camponeses italianos (Brasil-Itália)**. São Leopoldo: Oikos; Porto Alegre: Anpuh-RS, 2016.

VINHOSA, Francisco. **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: IHGB, 1990.

VISENTINI, PAULO. **A primeira guerra mundial e o declínio da Europa**. São Paulo: Alta Books, 2018.

ZAMBELLI, Irma. **A retrospectiva da arte ao longo de um século: o Grande Laboratório Artístico Tarquinio Zambelli e Filhos**. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.